COLEÇÃO JOSÉ COSTA - NÚMERO 37

ESBOÇO HISTÓRICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE

DESDE OS TEMPOS COLONIAIS ATÉ NOSSOS DIAS

FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA

ORGANIZAÇÃO: Fernando Antônio de Moraes Achiamé



COLEÇÃO JOSÉ COSTA - NÚMERO 37

ESBÔÇO HISTORICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE

DESDE OS TEMPOS COLONIAIS ATÉ NOSSOS DIAS





ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente) Getúlio Marcos Pereira Neves (1º Vice-Presidente) Romulo Felippe (1º Secretário) Marcos Tavares (1º Tesoureiro)

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Lorenzo Pazolini (Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira (Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada (Secretário Municipal de Cultura) Elizete Terezinha Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA

ESBÔÇO HISTORICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE

DESDE OS TEMPOS COLONIAIS ATÉ NOSSOS DIAS

Organização: Fernando Antônio de Moraes Achiamé

SMC

Prefeitura Municipal de Vitória Secretaria Municipal de Cultura -Vitória 2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça • Álvaro José Silva • Ester Abreu Vieira de Oliveira Elizete Terezinha Caser Rocha • Fernando Antônio de M. Achiamé • Francisco Aurélio Ribeiro • Getúlio Marcos Pereira Neves

Organização:

Fernando Antônio de Moraes Achiamé CAPA E EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira IMPRESSÃO: Editora Cajuína

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca Municipal Adelpho Poli Moniardim (Vitória/ES)

S618e Siqueira, Francisco Antunes de, 1832-1897.

Esbôço histórico dos costumes do povo Espírito-santense: desde os tempos coloniais até nossos dias / Francisco Antunes de Siqueira; Fernando Achiamé (Org.).— 3.ed.— Vitória, ES: Secretaria Municipal de Cultura, 2023.

126 p.; 21 cm.- (Coleção José Costa, 37).

ISBN: 978-65-85121-68-2

Publicação em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia Espírito-Santense de Letras.

História - Espírito Santo (Estado).
 Achiamé, Fernando.
 Vitória (ES).
 Secretaria Municipal de Cultura.
 Vitória (ES).
 Academia Espírito-Santense de Letras.
 Título.
 IV.
 Série.

CDD 981.52

Distribuição gratuita. Venda Proibida. Biblioteca Municipal de Vitória "Adelpho Poli Monjardim" bmunicipalvitoria@gmail.com 55 27 3381.6926

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
O VALOR DE UM CLÁSSICO	15
NOTÍCIA BREVE SOBRE O PADRE ANTUNES	21
AO LEITOR	23
PRIMEIRA PARTE	
INTRODUÇÃO	
OS FENÔMENOS DA NATUREZA	
O POVO DE ISRAEL	
OS LEVITAS	
"SUPREMA LEX"	
AS GRANDES CONQUISTAS DA HUMANIDADE,	36
ESCRITORES LATINOS	
A ELOQUÊNCIA DE CÍCERO	43
CÍCERO CONTRA CATILINA	44
O IMPÉRIO DE CONSTANTINO	46
LICURGO	47
SEGUNDA PARTE	
A TRANSFORMAÇÃO DOS SERES	51
A FRAQUEZA HUMANA	
AS VERDADES DO EVANGELHO	
PORTUGAL INDEPENDENTE	
PORTUGAL CONQUISTA OS MARES	
O BRASIL EM 1500	
INDÍGENAS DO ESPÍRITO SANTO	
FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO	
MISSÃO DOS JESUÍTAS NA CAPITANIA	
A FESTA DAS ONZE MIL VIRGENS	
DANCASPOPULARES	70

OTEATRO	71
PEROÁS E CARAMURUS	73
FESTAS RELIGIOSAS	74
FESTA NA BARRA DE SÃO MATEUS	75
A VENERAÇÃO DOS MORTOS	76
A VIRTUDE DAS DAMAS	77
A MODA FEMININA	78
AS VELHAS	79
A MODA MASCULINA	80
AS MOÇAS	
CARMELITAS E FRANCISCANOS	81
O MÉTODO FERREIRA DAS NEVES	82
ENSINO RELIGIOSO	83
O COLÉGIO ESPÍRITO SANTO	83
AULAS PARTICULARES	84
TECELAGEM	
MEDICINA E CURANDEIRISMO	
ENFERMEIROS E FARMACÊUTICOS	86
OS SERVIÇOS DE NAVEGAÇÃO	87
O MERCADO	88
A IMPRENSA	
A FÉ EM DEUS	
PROCISSÕES E FESTA RELIGIOSAS	91
ROTEIRO DAS PROCISSÕES	
CRUZES E PATUÁS	
MAGOS E EMBUSTEIROS	
CULTURA MUSICAL	101
TERCEIRA PARTE	
O ENSINO PÚBLICO	105
MILITARIZAÇÃO DO ESTADO	106
O PRIMEIRO GOVERNO REPUBLICANO	107
CONFUSÃO POLÍTICA	108

O SISTEMA ELEITORAL	109
A VITÓRIA DE MUNIZ FREIRE	110
APÊNDICES	
NÚMERO UM	115
NÚMERO DOIS	117
NÚMERO TRÊS	119
COLEÇÃO AUTORES CAPIXABAS - CRÔNICA I	DE AREOBALDO LÉLIS121

O *meio*, em que vivemos, decide da nossa sorte. Aplica-se aqui bem o axioma: *cum bonis bonus eris*; *cum perversis pervetéris*. Chega-te aos bons, serás um deles; aos maus, pior que eles! Verdade, que jamais falhou.

[Padre Francisco Antunes de Siqueira]

APRESENTAÇÃO

A Academia Espírito-santense de Letras (AEL), desde 1998, com a Coleção Roberto Almada, nome de um acadêmico, poeta, jornalista, professor, e dramaturgo, terceiro ocupante da Cadeira 27, presta homenagem a esse acadêmico e procura dar lume a escritores capixabas. Com a Coleção José Costa, ela oferece um tributo a esse jornalista, cronista, e escritor capixaba, e busca recuperar a memória literária do Estado do Espírito Santo.

Essas duas coleções possuem uma grande abrangência social. Nelas já foram publicados, desde 2007, mais de 50 livros com uma boa aceitação do público leitor e da crítica especializada.

As obras inseridas nessas coleções são produtos de um trabalho intelectual e voluntário de acadêmicos ou de convidados que se preocupam não só com a preservação de obras já esquecidas e esgotadas em suas edições, mas, também, com a atualidade de conhecimento da produção literária no Espírito Santo e com a oferta de uma boa leitura a um público em geral.

A realização das publicações se deve à Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) e à AEL, de acordo com as indicações do Conselho Editorial da AEL/PMV que, além dessas coleções, participa dos "Escritos de Vitória", que absorvem escritores diversos que desejam expressar suas emoções com temas relacionados à cultura e à literatura, com base na memória, ou na vida em geral, da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

Na série da Coleção Roberto Almada, já foram publicados ensaios sobre escritores do nosso Estado, entre eles Maria Antonieta Tatagiba, Virgínia Tamanini, Haydée Nicolussi, Newton Freitas, Lacy Ribeiro, José Carlos de Oliveira, Alvino Gatti, Achilles Vivacqua, e Saul Navarro. Neste ano são apresentadas ao público leitor as obras: *Ciro Vieira da Cunha: vida e obra*, organizada por Francisco Aurélio Ribeiro, e *O memorialista capixaba – padre-mestre Francis-*

co Antunes de Siqueira: vida e obra, organizada por Geraldo Magela da Silva Araujo, e as *Lendas Capixabas* de Maria Stella Novaes, no formato de áudio, para acessibilidade àqueles que apresentem vulnerabilidade na visão.

Na série da Coleção José Costa, a obra apresentada é Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense de autoria de Francisco Antunes de Siqueira, com esta terceira edição organizada por Fernando Achiamé. Entre as já publicadas estão: Lendas Capixabas, de Maria Stella Novaes, Insurreição do Queimado de Afonso Cláudio, Trovas e Cantares Capixabas, também de Afonso Cláudio, Homens e Cousas Espírito-santenses, de Amâncio Pereira, O Estado do Espírito Santo e os Espírito-santenses, de Eurípedes Queiroz do Vale, e Patronos e Acadêmicos, com diversas edições.

O objetivo dessas publicações, que atendem aos projetos da AEL de "Incentivo à Cultura Literária", é promover o acesso democrático à leitura, à literatura e à cultura capixaba.

A AEL, associação cultural sem fins lucrativos, comemorou este ano 102 anos de existência. Ela foi fundada em 4 de setembro de 1921, com vinte membros, e passou, em 1939, para quarenta membros. Sua sede, em Vitória, se encontra na antiga casa do acadêmico e professor Kosciuszko Barbosa Leão, à Praça João Clímaco, na Cidade Alta, onde se realizam reuniões e se acolhem visitantes e pesquisadores em sua Biblioteca Saul Navarro. Ela possui um site (www. ael.org.br) que procura manter atualizado.

A AEL tem como finalidade incentivar a cultura, divulgar e estimular a criação de bibliotecas, e promover a formação de associações culturais, a organização de concursos literários, a realização de cursos e reuniões de altos estudos, a reedição de obra de seus patronos e membros falecidos, a publicação periódica de obras de literatura, história e cultura do Espírito Santo, a conservação da biblioteca e dos arquivos próprios, o intercâmbio com outras associações, a participação de projetos que visem à integração cultural das nações de língua portuguesa, e a realização de pesquisas com vista ao desenvolvimento literário e cultural do Espírito Santo.

Entre os membros da AEL se encontram representantes no Conselho Estadual de Cultura, e na premiação de concursos, na organização de antologias, na participação de congressos nacionais, e internacionais, e em palestras em escolas. Muitos de seus acadêmicos têm recebido distinções por suas atividades literárias com prêmios nacionais e internacionais, além de promoverem constantes publicações de seus livros.

A AEL agradece ao Prefeito Lorenzo Pazolini e ao Secretário Municipal de Cultura Eduardo Henning Louzada o apoio para a publicação destas coleções, mediando a parceria com a PMV. Eles sentiram que com a leitura dessas obras que focam nossa terra, com seus homens, sua história e geografia, os leitores conhecerão mais ainda um pouco dos que contribuíram para a permanência da memória literária do Espírito Santo.

Vitória, 11 de dezembro de 2023.

Ester Abreu Vieira de Oliveira Presidente da AEL

O VALOR DE UM CLÁSSICO

O Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense desde os tempos coloniais até nossos dias prossegue sendo um clássico da historiografia capixaba, bastante citado por pesquisadores de diversas áreas. Seu valor como fonte histórica se reafirma com o passar do tempo, haja vista que, a partir das indicações que oferece, os estudiosos têm acesso a outros documentos coetâneos que as corroboram, além delas fornecerem informações de primeira mão sobre nossa história.

Já tinha organizado outra obra do padre Antunes de Siqueira quando editei em 1999 *Memórias do passado: a Vitória através de meio século*, disponível em formato PDF no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, no endereço (https://ape.es.gov.br/biblioteca-digital-2). Nessa obra provei ser do padre Antunes a autoria do texto, publicado originalmente em artigos anônimos no jornal *A Província do Espírito Santo* em 1885. E justamente um dos argumentos para provar essa atribuição de autoria se constituiu na existência de diversas passagens iguais tanto nas *Memórias do passado* quanto no *Esboço histórico*.

Considero mesmo que a obra publicada em 1999, que reuniu os tais artigos de 1885, seja mais profunda e extensa no que se refere ao conjunto de conhecimento sobre o passado capixaba, do que a publicada em 1893 e republicada em 1944. Certamente os artigos estampados em *A Província* tiveram boa repercussão entre os intelectuais e membros da elite política capixaba, bem pouco numerosos à época; e a autoria dos textos se constituindo um "segredo de polichinelo", aquele sabido por todos, num meio social bem restrito em que todo mundo se conhecia. Assim, tudo indica que seu autor foi encarregado de condensá-los numa obra única, acrescentando alguns apêndices. No entanto, ao realizar a tarefa, padre Antunes resumiu muito as informações que constavam nos escritos jornalísticos e os expurgou de referências importantes. Talvez porque, publicadas anônimas num periódico, elas estariam quase que inacessíveis

passado algum tempo e em livro poderiam ser objeto de polêmicas. Nos artigos de 1885, diversas passagens do texto do padre Antunes estão mais soltas e detalhadas, enquanto que no livro de 1893 estão bem mais contidas e condensadas. De qualquer modo, aquelas duas obras de Francisco Antunes de Siqueira, além de possuírem valores intrínsecos, se complementam.

Sem dúvida, permanece o valor para a historiografia do Esboço histórico. E por diversas razões. Uma delas se refere a uma circunstância típica da época em que a obra foi escrita e reveladora do ambiente intelectual em que se vivia então - seu autor necessita demonstrar cultura e conhecimento dos clássicos. E recuar sua análise ao começo da história da humanidade, repassando as diversas épocas e impérios que constituíram o que hoje se denomina de mundo ocidental. Outra razão se prende ao fato do escritor lisonjear sem disfarces as autoridades constituídas. Outra razão ainda: o texto servir para educar e formar cidadãos numa visão datada e conservadora, tendo a religião católica como diretriz principal. Os apêndices também são muito úteis para se comparar o que havia de dados acerca de antigos sacerdotes e educadores atuantes na história do Espírito Santo para se comparar com o que agora sabemos a esse respeito. Sem contar os costumes e arranjos políticos, com seus personagens principais, no alvorecer do regime republicano no estado capixaba. Mas isso são meros exemplos da riqueza que pode ser auferida por pesquisadores de temas diversos nas preciosas páginas que se seguem.

*

Esta obra do padre Francisco Antunes de Siqueira vai para a terceira edição. A primeira, lançada em 1893 ainda em vida do autor, foi composta e impressa na Tip. G. Leuzinger & Filhos no Rio de Janeiro. A segunda, publicada em Vitória no ano de 1944 pela Imprensa Oficial do estado em papel de qualidade inferior, traz no início frase significativa: "Edição patrocinada pelo Exmo. Sr. Interventor Jones dos Santos Neves". Ela veio à luz num contexto determinado – foi o primeiro título da "Coleção Autores Capixabas", dirigida por João

Calazans. O governo do interventor federal no Espírito Santo tinha interesse em valorizar a identidade capixaba, pois naquele mesmo ano promoveu a impressão do "Mapa do Estado do Espírito Santo" e iniciou a "Coleção" que publicaria trinta e dois títulos valiosos que tratam da nossa história e literatura. Iniciativa que, certamente, teve o estímulo e orientação de Mário Aristides Freire, então exercendo o cargo de secretário do Interior e Justiça, mas que desde muitos anos se dedicava ao jornalismo e à pesquisa de temas vinculados à história da terra de Domingos Martins.

A "Coleção Autores Capixabas" listou diversos títulos importantes nas páginas iniciais da segunda edição do Esboço histórico. Cito apenas os seis primeiros que iriam se suceder à obra do padre Antunes: Francisco Alberto Rubim - Memória Estatística da Capitania do Espírito Santo; Brás da Costa Rubim - Obras Completas, sendo que a Notícia Cronológica dos Fatos Mais Notáveis da Província do Espírito Santo teria prefácio de João Calazans e notas de Mário Aristides Freire: I. M. Pereira de Vasconcelos - Ensaios sobre a História e a Estatística da Província do Espírito Santo; Basílio Daemon – História e Estatística da Província do Espírito Santo (3 vols.); Misael Pena – História da Província do Espírito Santo; Livro Tombo de Nova Almeida com prefácio e notas de Mário A. Freire. Além do Esboço histórico, esse último título foi o único que na época veio à luz da extensa listagem da "Coleção", editado também em 1944 na Imprensa Oficial e publicado pelo Arquivo Público Estadual, então subordinado à secretaria da qual Mário Freire era o titular. Como muitas iniciativas editoriais de folego em nosso país e estado, essa de 1944 também morreu no nascedouro. Alguns daqueles títulos da "Coleção de Autores Capixabas" foram impressos de forma esparsa por variados editores, enquanto outros aguardam novas publicações, de preferência acompanhados de crítica.

A presente edição teve por base a de 1893, de modo a evitar eventuais equívocos tipográficos da publicação lançada em 1944. Assim, foi digitalizado um exemplar da primeira edição existente na Biblioteca "Maria Stella de Novaes" do Arquivo Público do

Estado do Espírito Santo pelo servidor Michel Caldeira, a quem agradeço. Convertido o arquivo digitalizado para o formato Word, fiz o cotejo do resultado com as imagens do original, corrigindo as muitas discrepâncias ocasionadas pela tecnologia OCR. E realizei a atualização ortográfica, inclusive de patronímicos, muito embora diversos deles podem ter conservado a grafia original. Corrigi os evidentes erros tipográficos e também alguns nomes comuns e próprios que foram escritos de modo equivocado, quando não existia qualquer dúvida sobre sua forma correta. As várias citações em latim e diversas referências a obras, autores, lugares e passagens míticas não tiveram suas palavras conferidas. Mantive os muitos pontos de exclamação e reticências, colocados juntos em inúmeras frases, de modo a preservar as ênfases próprias do estilo do autor. Já algumas vírgulas foram suprimidas ou deslocadas. Releva notar que, por ter o mesmo nome do pai, também sacerdote, o padre Antunes quando se refere a ele acrescenta a palavra "cônego", dignidade eclesiástica que detinha.

Da segunda edição, transcrevi a "Notícia breve sobre o padre Antunes" de João Calazans, a crônica "Coleção autores capixabas" de Areobaldo Lélis e aproveitei os subtítulos colocados no lugar dos asteriscos que, na primeira edição, separam um tema de outro tratado pelo autor. Porque com esses subtítulos o texto fica mais leve e de mais fácil consulta. Somente em dois casos na edição de 1893 não havia os asteriscos separando os assuntos, mas os subtítulos acrescentados julguei serem procedentes e os mantive. Na edição de 1944, um subtítulo relativo a pequena matéria ("As moças") foi deslocado para um local próximo, mas restabeleci a ordem como no original. E acrescentei uma foto do padre Antunes de Siqueira, publicada na prestigiosa revista *Vida Capichaba*, número 625, ano XXII, 30 de setembro de 1945.

Obtive notícias sobre João Calazans, organizador daquela segunda edição, no blog mantido por Ana Calazans, sua neta:

Fiquei muito pouco com meus avôs. Embora meu avô paterno tenha falecido depois do materno, convivi ainda menos com ele, pois morava em Recife. João Calazans era capixaba. Nascido [em 1910] de

uma família 'tradicional', tornou-se logo a ovelha negra: era dado a andar com artistas, boêmios e comunistas. Ainda na década de 20 (1929), tentou organizar um Congresso de Antropofagia junto com Garcia de Resende, Atílio Vivacqua e [Ciro] Vieira da Cunha, que não prosperou na então provinciana Vitória.

Exerceu o jornalismo por toda a vida; ofício que muito facilitava suas noitadas e gosto pela discussão política. Trabalhou em diversos periódicos e fundou a *Folha Capixaba*, que chegou a ser o jornal de maior circulação do estado. Com o slogan "Um jornal do povo", foi criado por ele e por Érico Neves no final do Estado Novo, com o Partido Comunista na legalidade. Circulou pela primeira vez, em 1º de maio de 1945. Meu avô e Érico eram os donos da tipografia onde ele era rodado, mas administração, distribuição e assinaturas ficavam a cargo dos membros do Partidão no Espírito Santo.

Em 1952 publica o romance *Pequeno burguês*, escrito em 1933. Uma novela irônica, que espicaçava e satirizava comportamentos de uma esquerda 'pequeno burguesa'. O livro narra as peripécias em São Paulo de um jovem de Propriá que se filia, sem muita convicção, ao Partido Comunista. Entre as aventuras, uma arregimentação de tecelões no Brás, uma deportação e um *affair* com uma trotskista, Clemência, que trai a 'causa' e se junta aos integralistas. Contrariou muita gente.

Nos anos 40, já morando em Belo Horizonte, onde se meteu em confusões políticas por sua inimizade com Juscelino, editou a revista literária *Panorama*. Meu avô faleceu em Recife, por volta de 75 [em 1976], não lembro bem, mas foi antes de eu decidir ir passar um tempo na França quando eu tinha nove anos. Seu último jornal (ele gostava de criar jornais e não apenas de escrever neles) foi *A Crítica*, que circulou de forma errática entre os anos 60 e 70, durante a ditadura.

Sua cultura literária e artística eram assombrosas. Seu pequeno apartamento em Boa Viagem tinha as paredes cobertas de livros até o teto. Stalinista, mulherista e whyskista, como sempre cito quando falo dele, era ligado ao PCB de Oscar Niemayer e Cândido Portinari.

Foi amigo de artistas como o próprio Portinari, que o retratou, Di Cavalcanti, que pintou um retrato de sua filha Terezinha, Santa Rosa e Guignard; e de intelectuais como o editor José Olympio, Austregésilo de Athayde e Câmara Cascudo.¹

19

¹ Disponível em (https://orderfromnoise.wordpress.com/2019 /01/19/uma-carta-de-teotonio-vilela-e-meu-avo-stalinista/)

Quem tiver interesse em se aprofundar sobre a existência e os trabalhos de Francisco Antunes de Siqueira pode consultar a obra *Memória do passado: a Vitória através de meio século*, na qual consta um estudo sobre esses assuntos, no endereço digital antes referido. E, especialmente, ler a abrangente publicação *O memorialista capixaba padre-mestre Francisco Antunes de Siqueira: vida e obra*, organizada por Geraldo Magela da Silva Araujo, também editada este ano pela Academia Espírito-santense de Letras e disponível no endereço (https://www.ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_ letras/ publicacoes_da_ael.html). Por meio dessa última obra, podemos avaliar as qualidades de memorialista e escritor do padre Antunes de Siqueira, e o seu pioneirismo nos estudos da cultura popular de sua terra.

No que diz respeito ao *Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense*, reafirmo o que escrevi no início dessa nota: permanece um clássico da historiografia capixaba. E peço licença para definir essa obra do padre Antunes com um trecho do meu poema "Visitas ao Éden" constante no *Livro novíssimo*:

Clássico é o que fica do mudável. Clássico é o que nunca se esgota, para as mesmas perguntas tem sempre novas respostas.

Vitória, primavera de 2023

Fernando Achiamé

NOTÍCIA BREVE SOBRE O PADRE ANTUNES

Este festejado escritor capixaba, cuja obra principal apresentamos ao público, é um digno representante da inteligência de nossa terra. Nasceu nesta cidade de Vitória, a 3 de fevereiro de 1832. Em 1854 recebeu ordens sacras de presbítero secular, no Seminário São José, no Distrito Federal [Rio de Janeiro]. Foi orador sacro dos mais espontâneos, fecundos e aplaudidos, latinista dos mais eruditos, poeta, tendo exercido ainda a cátedra com notável sabedoria.

Sendo uma das figuras de maior relevo na vida intelectual do Espírito Santo, no último quartel do século XIX, encheu os derradeiros anos de sua existência nos estudos e observações pacientes em torno da história, dos usos e costumes do nosso povo. Nasceu, desse modo, o relato pitoresco e cheio de colorido que compõe o presente volume. É o único trabalho que, no gênero, existe em nossa história literária. Obra de grande valor, o *Esboço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-santense* serve de guia e consulta às pesquisas sociológicas, dando uma suficiente noção da vida e do caráter do povo capixaba.

Na época em que foi publicada (1893), esta obra despertou pouco ou nenhum interesse. Sobre ela nem mesmo encontramos referências nos escritos de então, assinados até por quem se julgava mestre da crítica científica, que pretendia criar valores nulos e anular valores indestrutíveis.

Singularmente desconhecido em nosso meio, o precioso livro do padre Antunes aparece citado, mais de uma vez, pelo eminente sociólogo patrício, sr. Gilberto Freyre, em seu monumental estudo – *Casa Grande & Senzala*, o livro mesmo do pensamento brasileiro. Outros estudiosos ilustres, como Capistrano de Abreu e Bazílio de Magalhães, colheram nele elementos sugestivos.

O padre Francisco Antunes de Siqueira (filho) publicou ainda os seguintes trabalhos – Poemeto Descritivo sobre a Província do Espírito Santo (Vitória, 1884); Tratado sobre a Ortografia e Sintaxe Latinas (Rio, 1887); Alocução Comemorativa da Extinção da Escra*vidão no Brasil* (Vitória, 1888); *Alocução Dirigida ao Bispo D. João Néri* (Vitória, 1897); além de vários discursos e sermões, pois "foi em seu tempo o sacerdote que maior número de sermões proferiu".

O padre Antunes faleceu na cidade do Espírito santo, – Vila Velha – a 29 de novembro de 1897.

João Calazans

A história do passado, retrospecto das fases que transformaram um povo, deleita o espírito, como as reminiscências dos episódios da vida humana. Tudo segue a lei das gradações! A infância, a adolescência, a puberdade, a virilidade, a velhice e a decrepitude transformam a natureza do homem. Como ela os vegetais nascem, crescem, avigoram-se, florescem, frutificam, propagam-se, definham e morrem! Nas coletividades sociais reproduzem-se sucessivamente as mesmas cenas. Estas alterações formam o complexo maravilhoso do mundo moral, como aquelas outras do mundo físico.

Bom é recordá-los, para avaliar nossas fraquezas, nossos erros, nosso vigor e bravura, nossa degeneração e abatimento.

Aí tendes o meu livro, trabalho despretensioso. Lede-o, meditai-o, e dele colhereis alegres e tristes impressões. Suas páginas formarão campos para distrações e abismos para meditações.

Com ele haveis de rir e chorar!

Eis o prólogo e o epílogo da obra da humanidade!...

Padre Antunes







INTRODUÇÃO

Era necessário uma memória fiel, viva reminiscência, dobrada reflexão, aturada paciência, reunidas a um talento superior, facilidade de expressão, para descrever precisamente o assunto, que nos propomos tratar.

Infelizes quase sempre nas temerárias concepções deste gênero, nos arrojos da imaginação, caímos na veleidade, uma das fraquezas humanas, mas perdoável, de vingar o passado, oculto nas dobras do tempo para alevantar os foros do presente, no longo estádio, que percorremos, desde a descoberta da Província, hoje Estado do Espírito Santo.

Vacilamos muito neste árduo tentâmen!... Acedemos às instâncias de um *espírito culto*, que inspirou-nos a matéria.

Aí vai este pobre e despretensioso escrito correr o mundo moderno, tão inçado de indiferenças. O futuro talvez, que sabe melhor aproveitar os sucessos idos, para fazer o paralelo e a crítica de seus episódios e circunstâncias, sirva-se deste nosso trabalho, para avaliar as transformações de um povo, fazendo justiça aos seus sentimentos e castigando seus erros.

OS FENÔMENOS DA NATUREZA

Os costumes de um povo assinalam as épocas de sua história, e caracterizam as evoluções, que determinarão a sua elevação e o seu degradamento.

Tudo cede ao império absoluto e supremo das transformações!...

Desde o pequeno grão de areia até a gigante montanha de granito, tudo experimenta os efeitos desse fenômeno que metamorfoseia as obras da natureza. A lei das resistências parece dominar os minerais, vegetais e animais, e da decomposição dos seres procede nova ordem de composição, mantendo umas e outras com um segredo admirável as fases numerosas, que hodiernamente experimentamos no espetáculo do mundo. Oh! maravilhas sobre maravilhas, que extasiam os gênios dos pensadores!

Aqueles grãozinhos movediços, que ali rolam na praia à mercê das ondas, já foram rijos cachopos, que zombaram de sua altivez!

Daqui a séculos o seu novo concurso constituirá outros corpos, tão fortes, como os primeiros!... Os vegetais corrompem-se pelo *humus* da terra, e auxiliados pela força produtiva, desenvolvem os seus elementos vitais, e ei-los pela repulsão de sua atividade própria, levantando sua delicada hástia, que cresce, se avigora em imenso tronco, produzindo flores e frutos, múltiplo resultado de uma simples operação!...

A Terra em seu movimento de trasladação oferece variado espetáculo, quadros risonhos, operados pela visita aos doze signos do Zodíaco!

Os minerais são extraídos das entranhas da Terra, e mediante a ação do fogo, como o ouro, a prata, o bronze, o estanho e o vidro, sofrem transformações para os diversos usos, que a indústria humana tem inventado.

Os vapores aglomeram-se nos espaços, amontoam-se, formam massas compactas; a eletricidade cruza-as, o trovão abala-as no seu vasto seio, e a ação do calor as liquefaz, produzindo a chuva, saudável efeito para a nutrição dos seres, que povoam a Terra!... O crânio do homem, tão pequeno, contém um vulcão de pensamentos, capazes de esmagar tudo, e de esvoaçar em seus ímpetos soberbos as regiões do infinito!...

O coração da mulher, tão débil pela organização de seu sexo, assenhoreia-se da razão e da inteligência do homem, curvando-o ao império de seus caprichos!...

As estrelas, as constelações, os planetas, sujeitos à atração e repulsão, leis diametralmente opostas, revezam-se nos espaços, equilibrando-se misteriosamente!...

O POVO DE ISRAEL

Os séculos em sua rápida voragem imprimem um caráter novo nas coisas, nos homens e nas ideias.

Os tempos pré-históricos oferecem-nos um mundo antigo, rude em sua natureza, tardio em suas produções, habitado por homens, quase nômades, vivendo pelas leis da oportunidade.

A cosmogonia antiga, filha de uma inspiração do gênio de Moisés, educado nos paços do Egito, imprimiu nos povos um caráter, mais místico do que filosófico.

Os mitos, os emblemas, os símbolos transportaram os seus asseclas às regiões do mistério, sobre o qual lançou ele os fundamentos de sua legislação. Essa ideia grandiosa, que lhes implantara o seu libertador, foi o primeiro móvel de sua civilização, reprimindo-lhes a ferocidade e a sua proverbial contumácia.

O famoso Pentateuco está repleto dessa genealogia primitiva, desses lances de aventuras, desses combates heroicos, dessa literatura hebraica, que sublimaram os gênios de Davi, de Salomão no *Saltério* e nos *Cânticos dos Cânticos*, e finalmente dessa legislação, ditada no alto do Sinai, e que conteve o povo nos limites do dever.

As práticas religiosas de então, submetidas à assistência de um Deus, ao respeito da vara misteriosa, das tábuas de pedra, do maná, arraigaram-se no coração do povo, e o disciplinaram de um modo espantoso.

Parece incrível que a influência da ideia religiosa elevasse o culto do Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, ao aprimorado gosto de levantar-se aquele templo suntuoso descrito na Bíblia!

Se atendermos porém à série dos acontecimentos, que abrilhantaram os fastos do cristianismo, do qual aquela religião era uma imagem, um prelúdio de seus apregoados triunfos, somos forçados a crer que há uma Providência, que dirige todos os acontecimentos.

Não era possível à inteligência humana prevenir fatos, antecipar épocas, e desvendar o futuro, que determinou um corpo de

doutrinas tão santas, uma moral tão pura, preceitos tão nobres e humanitários, que hão influído eficazmente no regime da sociedade e no amplexo das famílias.

Aquele *fiat lux*, que irrompeu do seio fecundo do Eterno foi bem parafraseado pelo cântico, que saudou o nascimento do Cristo: *gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis.*

A ordem primeva fez entrar os elementos em justa combinação.

A secundária ou cristã fez dos homens uma só família pela paz e confraternidade universal. Ali, o império da força, aqui, o império do amor.

Foi a transformação geral da sociedade em seus legítimos direitos, e no cumprimento de todos os deveres.

Sem a paz, que tem por companheiras inseparáveis a união, a tranquilidade, a serenidade, a segurança, não há venturas na vida, nem harmonia nas famílias.

A ideia religiosa, predominante, autonomizou o povo hebreu, distinguindo-o dos outros povos; homologou as instituições civis e criminais; caracterizou os seus costumes, seus tratos domésticos, e até predispôs a junção dos dois poderes civil e eclesiástico nas pessoas dos Juízes e dos Reis, que sucederam à morte dos capitães.

O povo degenerou de sua antiga grandeza, e os próprios sacerdotes o fanatizaram, ficando ele à mercê dos ídolos, e práticas vãs, que tanto comprometeram a sua elevada reputação.

Neste esboço não pretendemos frisar épocas e citar cronologicamente fatos.

Apreciamos, apenas, acontecimentos para com o jogo dos *meios* demonstrarmos ora a decadência, ora a elevação dos povos, mantendo assim a unidade do assunto.

No correr dos tempos o que mais nos vem impressionar é a dissidência do reino de Israel. Aquela divisão, que constituiu os doze estados, foi o primeiro fato histórico, que determinou a autonomia de um povo na confederação daquele reino.

A ideia da liberdade foi melhor compreendida, e a descentralização de uma Corte efeminada, colocou-os em uma altitude política, digna de seus heróis.

Houve uma designação, própria de seus fins e interesses... A tribo de Levi foi a única, a que se atribuiu a formação de Padres (Levitas), para as funções religiosas, privada de intervir nos negócios forenses e políticos.

Era quase a forma de uma República unitária, se não fosse a sede e o personagem real, segundo a expressão de Emilio Castelar.

"SUPREMA LEX"

Aqueles doze irmãos, cujas opiniões divergiram, olhando com mais afinco os interesses seus e dos estados, que presidiam, lembraram-se que o estimulo é o elemento mais poderoso para o engrandecimento de um povo. Provoca seus brios, ativa o gênio, duplica as forças, anima a indústria, ativa o trabalho, enobrece a dignidade, aumenta a receita, e faz de um cidadão um bravo, destemido nas conquistas, herói nos cometimentos para a legitima supremacia das nações.

Simeão, Judá, Levi, Dã, Aser, Efraim, Naftali, Issacar, Zebulom, Manassés, Israel, Benjamim, lançaram os fundamentos de uma federação, que se agigantou nas idades antigas, lançando a semente, que na revolução dos tempos, produziu a confederação germânica, a dos Estados Unidos, a da França, e, finalmente, a do nosso caro Brasil.

A essência de vistas é a mesma; só temos a diferença de formas, e a de instituições, apropriadas às bases de seu governo democrata. Já naquele tempo imperava o grande pensamento nacional: salus populi suprema lex est.

O direito romano nesta parte não se avantajava aos ditames da razão natural ou ao direito das gentes, que é a consequência da supremacia nacional!...

Tinha caído por terra o orgulho do rei: *voluntas regis suprema lex est.*

O per me regis regnant era uma utopia condenada...

Nem sempre os reis se submetem à vontade divina! Embalados por seus caprichos, rodeados de áulicos lisonjeiros, eles os afagam com bajulações, para não decaírem de suas graças.

AS GRANDES CONQUISTAS DA HUMANIDADE

O homem despertou daquela sonolência em que vivia, acalentado pelas crenças religiosas. As famílias multiplicaram-se, a inteligência desprendeu-se do embrião em que vivia. As ideias de conquistas, empreendidas pelos povos vizinhos, chamaram os homens às armas. Tudo se moveu e agitou!... Ciro, Cambises, Dario, Alexandre, que desejava avassalar o mundo inteiro, como se fosse um pequenino império, os medos, os persas queriam alargar os seus domínios. A Grécia, naquele recanto da Europa, não foi indiferente às sugestões guerreiras. Roma adestrou suas armas, aprumou as águias de prata, que tanto primavam nos seus estandartes, e foi além do Mediterrâneo invadir as costas setentrionais da África. Cartago levantou fortificações contra seus ambiciosos desejos. Massinissa, Jugurta, reis da Numídia, não escaparam às suas ameaças. Anibal, Cipião, Paulo Emílio travaram renhidos combates...

Barbarizaram-se os povos sob a impressão sanguinolenta das batalhas...

O direito da força, a aristocracia do ouro eram o apanágio de suas glórias!

Por espaço de trezentos anos o Tigre transbordou pelo sangue das vítimas; os Alpes gemeram ao peso das armas; o dorso das ondas do Mediterrâneo sopesou a carga enorme de sua flotilha; as viúvas prantearam a morte de seus esposos; os filhos de seus pais, e o Capitólio pejava os altares dos votos de seus crentes.

Que tempos! Que costumes!... César, Pompeu, Sila, Mário e Bruto agitaram dissenções intestinas em Roma. As facções políticas dividiram a República. Uma guerra civil abalou seus fundamentos! O Senado não tinha ação... Dentro de seus paços se cometiam os maiores escândalos!... As intrigas eram as armas poderosas para os mais inqualificáveis desabafos... Catilina conspira contra a pátria; Cícero o verbera com sua eloquência prodigiosa...

Estes estremecimentos intestinos, estes choques de paixões políticas exageradas, estas ofensas de direitos adquiridos pelos combatentes, sustaram os planos de seu engrandecimento moral, e Roma sucumbiu ao peso de mil infortúnios!...

A invasão dos bárbaros, comandados pelas cerradas tiufádias dos hunos, Odoacro rodeado das coortes hérulas, enterraram no nada o esqueleto do gigante romano!...

Glórias efêmeras sepultaram para sempre a Princesa das gentes...

Aquela Roma, em cujas primeiras fundações, ao escavar-se o Capitólio, se encontrara o crânio de um homem, e que se prestara para os augures predizerem seu excelência futura, dando ao próprio monte aquele nome – *Caput tolle* – (levanta orgulhosa a tua cabeça), cedeu aos impulsos veementes das adversidades.

ESCRITORES LATINOS

A essas cenas de carnificina, quase então universal, a esses costumes, herdados pelas relações e comércio dos bárbaros, pela convivência íntima, das quais a necessidade da ocasião não pôde desprendê-los, acarretando a decadência do Império romano, sucederam as que assinalaram a nova era, iniciada no tempo de César Augusto.

O povo viciado pelos preconceitos, embriagado pelos vícios, caiu na moleza, espreguiçou-se na languidez das forças; cerrou os olhos aos raios da razão lúcida; ensurdeceu aos ditames da consciência; aberrou do caminho da glória; transviou-se pelas escabrosas sinuosidades de uma mitologia, que deturpava a moral pública, escandalizava o decoro das famílias, e comprometia a dignidade da nação!

Uma imaginação desvairada criou nas tépidas noites das orgias, entidades fictícias, gênios tutelares, a quem atribuíam seus desmandos, para fazê-los justificáveis!...

Deuses e semideuses presidiam seus destinos, e eram os famosos oráculos das saturnais, das lupercais, das bacanais, onde os homens e as mulheres nuas, untados de azeite, corriam parelhas nos jogos públicos, em dias que lhes eram consagrados!...

César Augusto, de um espírito culto, não podendo de chofre desenraizar a árvore perniciosa, profundamente arraigada no coração do povo, principiou por lançar a eficaz semente da instrução, que produziu salutares resultados. Nos dias de seu auspicioso reinado fez florescer as artes e as ciências; protegeu as nobres aspirações dos gênios e dos talentos, rodeou-se de homens sábios, reivindicou os foros da dignidade nacional, e fez de Roma o empório da literatura latina.

Polião e Mecenas, potentados dessa cidade, abriram as arcas de seus tesouros para estenderem-se os horizontes das novas conquistas...

Esta fase plena de luz, a que Virgílio aludiu na sua segunda *Bucólica* com o nome de Ericínia, promoveu Roma ao último ponto da mais elevada glória.

A idade de ouro bafejava a atmosfera, impregnada pelos vapores do erro.

Novas constelações surgiam em seu céu, toldado até então pelas tempestades... O soldado sanguinolento lavrava os campos; fechavam-se as brônzeas portas do templo de Jano com admiração do universo; as musas, assustadas pelo ruído das armas, adejavam sobre o Capitólio!...

Portentos de saber, águias de altivas concepções, linces de aguda penetração, condores de lances atrevidos vieram pressurosos pandejar entre os risos do mais suave lirismo o gênio *augusto* que as acenava!...

Virgílio, filho de um pobre soldado, que militara pela defesa da pátria, e a quem coube por partilha de seus heroicos trabalhos uma estreita jeira de terra além do rio Míncio e onde aos encantos da natureza, sob as impressões de um céu límpido e puro, como sói ser o de Mântua, e de toda risonha Itália, compusera ele as suas *Églogas*, suas *Bucólicas*, no doce remanso da paz, outorgada pelo imperador, atravessa-o e vai a Roma oferecer os seus trabalhos, rara inspiração de seu precoce talento.

Deus nobis hoec otia fecit.

Um Deus tal paz nos outorga.

Deus!... dizia ele, atribuindo a César Augusto tantos benefícios, ignorando que uma inesperada revolução viria, com o nascimento do Cristo completar a grande paz universal, da qual Roma ensaiava os prelúdios!...

Illius aram semper tener noster ab ovilibus imbuet agnus.

Um tenro cordeiro de nossos rebanhos sempre há de tingir o seu altar.

Eu com minha fraca inteligência concilio este verso do grande poeta com o sacrifício do Cordeiro, cujo sangue misticamente banha os altares dos cristãos.

Esta interpretação me parece tão original, aplicada aos fastos do cristianismo!...

Protegido por César, aplaudido por sua corte, animado pelo entusiasmo, que produziu o seu trabalho, empreendeu a composição de seu poema épico – *As Eneidas* – que elevou seus méritos literários ao alcácer da imortalidade.

Ovídio Nasão, seu rival, mais fecundo, mais erudito, mais enérgico por seus lances arriscados, impetuoso pela veemência de suas paixões, mais original pelas tradições populares escreveu as *Metamorfoses*, cópia fiel da mitologia pagã, onde deu larga cópia às suas fantasias poéticas.

As suas *Sentenças* são frutos de uma moral filosófica, inspirada por uma razão calma e refletida! Falava a razão, obedecendo a consciência aos ditames da verdade...

Os *Fastos* eram o resultado das impressões dos episódios da política romana.

Os Tristes a nênia dolorosa pela saudade da pátria e da família.

O livro dos *Amores* ou a *Arte de Amar*, o cúmulo de um coração pervertido pelos desastres do amor licencioso e dissoluto!...

Dizem, eu não afirmo, que essa obra influíra para o seu desterro. O caráter austero de César não podia pactuar com tantas indecências. Cavaram seus versos imorais a sua ruina!...

Horácio versificou em uma variedade de odes pindáricas, sáficas, anacreônticas, asclepíades, notáveis pela metrificação abundante, mas não pela elevação dos pensamentos. Entre elas há algumas condenadas pelos excessos da linguagem licenciosa.

As *Sátiras* são atrevidas, mas as alegorias são engenhosas, e frisam bem o delineamento dos caracteres, que ele procura verberar, em tom severo e ao mesmo tempo agradável pelos modos, pelos rodeios e contornos das frases.

A *Arte Poética* é um compêndio de regras, bem concebidas para todas as composições em prosa e verso, cheia de conceitos escolhidos, de ditos espirituosos e alegorias bem originais.

Estes monumentos clássicos da literatura latina primam em seu gênero especial.

Fedro, escravo de Júlio César, compôs suas *Fábulas*, valioso mimo de seu fértil engenho. Há nelas grande fundo de moralidade e imitação soberba da índole particular dos animais, na qual faz ele aplicação ardilosa para castigar os costumes dos homens.

É uma série de prosopopeias, que instruem e deleitam o leitor.

Seus versos são difíceis, porque contêm um jogo variado de pés tribacos (3 sílabas breves) molôsso (3 longas) espondeu (2 longas) pirríquio (2 breves) troqueu (1 longa e 1 breve) iambo (1 breve e 1 longa).

É, portanto, necessário saber-se a prosódia para bem medi-los.

Plínio, Eutrópio, Aurélio Vítor, Suetônio, Flávio Vegécio, Tácito, Júlio César, Salústio, Tito Lívio, historiaram mais ou menos os acontecimentos romanos, políticos, militares, as divisões administrativas, as instituições romanas, suas guerras, distinguindo-se dentre eles por sua especialidade Suetônio, que tratou *de re militari* – da disciplina militar – dando-nos ideia de alguns instrumentos bélicos, usados naquele tempo.

Cornélio Nepote dedicou-se a fazer a apologia de alguns generais gregos, como Pausânias, Cimon, Lisandro, Milcíades, Artaxerxes e outros.

Em todos estes escritores nota-se a correção da frase, a construção da gramática e a naturalidade das descrições, todas fieis à história e aos costumes da época.

No teatro figuram os personagens das comédias de Terêncio. Nada há aí de notável. Os enredos, que fazem o espírito da tragédia e da comédia, eram desconhecidos.

Uma monotonia completa reina em todas as cenas. Não havia movimentos de quadros, nem mutações do cenário!...

Falavam os deuses da fábula e os Anfitriões cumpriam as suas ordens.

Um escolhido do povo tomava assento em um púlpito, levantado diante do palco, na boca do cenário, e quando terminava o ato, bradava: *plaudite!* Todos então em obediência batiam palmas!...

Estas práticas foram trazidas da Grécia.

O povo foi pouco a pouco se familiarizando com essas tradições, e perdendo a antiga ferocidade.

Renovaram-se os jogos públicos, estatuídos por seu fundador – Rômulo. Havia sacrifícios públicos em honra dos deuses, mas com a honestidade devida. Policiaram-se os costumes. Diminuíram-se os impostos vexatórios, para pagar o luxo dos reis e as despesas da guerra.

César Augusto apelidado Deus – *Divus* – dava banquetes públicos à sua custa, e quando calculava ser grande o número dos convidados, sem exceção, dirigia-se ele mesmo em pessoa à casa dos amigos, para pedir-lhes dobrados serviços de mesa!... Nunca se locupletou com dinheiros públicos!...

A ELOQUÊNCIA DE CÍCERO

Roma civilizou-se sob o império da instrução. Legou-nos monumentos, que ainda hoje lhe tributam um renome imortal.

Tendo falado em escritores latinos, não podemos esquecer o grande Cícero, o mais eloquente orador, embora pertencesse ele a uma época mais remota. Se não me falha a memória, existiu ele no tempo de Lúculo e Pompeu. Havia então em Roma dissenções internas pelas guerras externas, produzidas pelo legado, que Nicodemos deixou de seus estados ao Império romano. Catilina, aproveitando a ausência de Lúculo, que fora enviado pelo Senado romano contra Mitrídates, e mais Pompeu, que terminou a guerra, senador, gasto por uma vida licenciosa, pensou sujeitar Roma a seu poder e pôr fim à República.

Para garantir o Estado contra a conspiração, aplaudida e fomentada por Marco Leca e seus companheiros, os patrícios fizeram eleger a Antonio Nepo e Marco Túlio Cícero. Este varão devotado à causa da pátria, tomou no Senado romano uma atitude enérgica, verberou em linguagem severa, por uma eloquência esmagadora a vida dissoluta do inimigo da República; suplantou a sua audácia temerária, e pulverizou por uma acusação formal a louca e audaciosa tentativa de seus abomináveis projetos!... O efeito de sua palavra foi rápido, como a faísca elétrica, e Catilina, o degenerado patriota, da família patrícia, foi vencido em Pistóia pelo cônsul Nepo-Cícero, a quem se deveu a salvação da pátria!

As composições de Cícero formam o melhor compêndio das figuras de retórica.

CÍCERO CONTRA CATILINA

A língua latina, criada no Lácio pelo concurso dos literatos emigrados da Grécia, tinha constituído, de mistura com o hebraico e o greco, um estilo oficial.

Cícero, filósofo, historiador e retórico, que devia ter obtido noções de Górgias, Demóstenes, os príncipes da oratória grega, aprimorou o estilo da eloquência nacional e forense, dando-nos em seus discursos, obras-primas, exemplos, difíceis de serem imitados!

Não há até o presente quem lhe possa competir na viveza das imagens, na propriedade das expressões, na originalidade do pensamento; na concatenação graduada das ideias, que se desdobram, que lhe escapam dos lábios, como o fio da corrente pelo leito do rio. Às vezes, nas invectivas contra Catilina e Verres, ex-pretor da África, parece o trovão, que ruge ameaçador, curvando a cabeça do criminoso!

O Senado romano naquela época precisava de um homem de coragem, impetuoso, que soubesse manejar a palavra, espada de nova têmpera.

Na dissolução dos costumes, na gravidade dos males que abalavam os fundamentos de Roma, eram indispensáveis reagentes fortíssimos para operar de pronto. A *escória*, a *sentina* da *sociedade*, como ele diz, *ameaçava tudo corromper...* Catilina, o inimigo da pátria, do partido patrício, seduzia a *elite* da mocidade romana, encaminhando-a aos lupanares de todos os vícios!... *Corruptus et corruptor juventutis*, chamou-o Cícero. Roma tornou-se a *Pentálope* do Egito. Assim, só a verbosidade de Cícero, tipo de honestidade, intérprete fiel do sentimento nacional, égide do direito, promotor da justiça pública, podia levantar no Senado com tanta hombridade protestos contra os desmandos, estupros, adultérios, incestos, atentados, praticados por uma horda de bárbaros!...

Aí ficaram seus discursos, monumentos de eloquência forense e nacional. As orações contra Catilina e Verres, pro *Milone et Metelo*, são primores de sua facúndia invejável.

Quem com engenhosa naturalidade seria capaz de formar uma sinonímia e gradação, como ele, quando disse: *abiit, excessit, evasit, erupit*?...

- *Abiit* - exprime ausência relativa, isto é, do Senado; *excessit*, prolongado afastamento, isto é, dos limites da cidade; *evasit* dá ideia de haver escapado das garras da polícia, que buscava prendê-lo; *erupit* denota a pressa com que se afugentara.

Que mecanismo na sua fraseologia!

O espírito tem seus momentos, a ocasião faz o homem e a oportunidade depende do concurso de muitas circunstâncias especiais...

O IMPÉRIO DE CONSTANTINO

Que transformações não se operaram em Roma!... Houve *tragédias* e *comédias*, e após as letras vingaram as afrontas de tantos séculos.

A época do renascimento romano foi assinalada pelo nascimento de Jesus Nazareno.

Os imperadores, que reinaram nesta época desastrada, de novo repetida por Augusto, restaurador da monarquia, foram execráveis. Tibério, inimigo de sua própria mãe e de seus filhos Druso e Germânico; Calígula, que em uma orgia pretendeu matar Sêneca, seu mestre; Cláudio, pusilânime, que se escravizou aos tolos caprichos de Messalina e Agripina; Nero, que mandou apunhalar sua mãe, incendiário público, para atribuir a responsabilidade aos cristãos; Galba, Flávio Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano, Antonino e todos os outros pouco fizeram que pudesse levantar a pátria ao apanágio de sua antiga grandeza. Seguiu-se uma anarquia militar, e o exército impunha a sua vontade, tão ameaçadora, como o fio de seus alfanges!

Na reorganização do Império, que data de Deocleciano (270-275) todos os ensaios foram frustrados.

As discórdias continuaram horrivelmente pela abdicação de Deocleciano, imposta por Galério.

Sucedeu Constantino, homem de um temperamento laborioso, de uma atividade penetrante, e de fina política, rompeu as tradições nacionais e religiosa da carunchosa Roma, e escolheu Bizâncio para sede do novo império.

Foi ele que manteve a unidade religiosa tão útil para a solidariedade nacional e para os interesses da família, convocando o Concilio geral de Nicéa a que assistiram 600 bispos.

Na Grécia, conquanto não houvesse tantos elementos para arrojos e empresas, como as de Roma, todavia as mutações daquele proscênio, prenderam a atenção do mundo, seu curioso espectador.

Depois daqueles acontecimentos guerreiros de Troia, incendiada pelos gregos; depois daquelas aventuras descritas com tanta pompa nas roupagens da literatura grega pelo imortal Homero, surge a Lacônia, região do Peloponeso, a frondar os ramos de uma constituição política, que devia nos sucessos da vida moral dos povos, assinalar-lhe gloriosa carreira e impor-lhe o diadema de sua supremacia. Habitada pelos Aqueus, a invasão dos Dórios, sob o comando de Aristodemos, submeteu os estados, e apoderou-se de Esparta.

Àquelas guerras entre os esparciatas e os argianos, as dissenções internas, motivadas pela desigualdade das fortunas, seguiu-se o aparecimento de Licurgo, que lançou os primeiros fundamentos de seu renome.

Para dar à sua pátria uma forma regular de governo, base segura às suas instituições, regime de povos constituídos, viajou, estudando os costumes dos mais vizinhos, as práticas por eles adotadas, a fim de encaminhar as suas forças para o interesse geral.

Voltando à pátria, depois de 18 anos, restabeleceu a paz perturbada. Na sua luminosa legislação restringiu as prerrogativas dos reis. Investiu o Senado do poder governamental, formando ele uma oligarquia no seio da aristocracia.

O poder público apoderava-se dos meninos, que eram examinados pelos anciãos das tribos, sendo lançados os defeituosos a um precipício.

Os julgados aptos, depois de 7 anos pertenciam ao Estado, que os adaptava para a guerra!

Não havia cultura intelectual. O ensino limitava-se à recitação de poesias sagradas, de narrações guerreiras, e de um ensaio de eloquência em estilo lacônico.

A educação da mulher consistia em exercícios violentos, com o fim de adquirirem robustez, e produzirem cidadãos fortes e valentes soldados!

Depois de sua morte, que foi um suicídio, figura Atenas, cujo fundador diz-se Teseu, tendo por reformador Solon. Levantou sua pátria aos augúrios da prosperidade.

Reorganizou o famoso Areópago. Regulou a vida civil.

Do mesmo modo que Licurgo, ausentando-se a pátria conflagrou-se, e, voltando, nada pôde conseguir.

Clístenes por suas transformações legislativas sustou a paz e a tranquilidade perturbou-se. Romperiam em hostilidades Atenas e Esparta, se um perigo iminente não viesse congraçá-las.

Dario, desejoso de dilatar seus domínios pela Europa, atacou as cidades gregas, esparsas pelas ilhas do mar Egeu. Algumas renderam-se, outras resistiram corajosamente, mas não obstante seu heroico denodo, foram submetidas à Pérsia.

Grandes personagens pelo seu ardil guerreiro enobrecem a pátria, e se imortalizam! Milcíades, Temístocles, Aristides. Na memorável batalha de Maratona o tirano da Ásia morre, sem esperança de vingar as afrontas desta soberba derrota, animada pelo mais acrisolado patriotismo. Para salvação comum daquele país, esqueceram-se os ódios e dissidências, e um brado patriótico levantou a dignidade nacional!

As divergências intestinas de uma nação perturbam a paz, diminuem suas forças, congestam os ânimos, interrompem a marcha regular de seus sucessos, aniquilam os elementos de sua riqueza, enfraquecem as suas instituições, e uma hecatombe vem submergi-la nos abismos do nada.



A TRANSFORMAÇÃO DOS SERES

No meio daquele incendido patriotismo, que agigantou o poderio da Grécia, Roma, Cartago e a Pérsia, o velho mundo deu-nos exemplos do quanto podem a atividade, a inteligência, e a vontade humana, dirigidas pela instrução e como elas se transviam, quando a ignorância, o fanatismo, o luxo, a moleza invadem as jerarquias sociais.

Aos diretores do povo cabe uma grande responsabilidade. Importa mesmo um sacrifício em honra da pátria. Na escolha dos meios, na adoção de medidas deve presidir prudência, a rainha das virtudes, filha primogênita da sabedoria.

O *meio*, em que vivemos, decide da nossa sorte. Aplica-se aqui bem o axioma: *cum bonis bonus eris; cum perversis pervetéris*. Chega-te aos bons, serás um deles; aos maus, pior que eles! Verdade, que jamais falhou. O contato com pessoas corrompidas desenvolve as tendências naturais, as inclinações da fragilidade humana para o mal, e elas ganhando proporções ameaçadoras, levantam enormes chamas, que consomem as faculdades, entorpecem a razão, e divaga a mente num caos de loucas tentativas! O espírito, por mais pronto, não pode resistir-lhes.

Spiritus promptus est, caro autem infirma...

Como um navio, na noite tempestuosa, oculto o farol, que assinala o porto seguro do seu destino, voga à mercê das ondas, num jogo descompassado, bipartindo-se as suas amuradas, rasgando-se as suas velas, sem que possa bracejar, para dar-lhes desvio conveniente, fazendo-se ludibrio de suas irresistíveis forças.

O mundo é um pélago imenso, onde há sirtes perigosas, que só podem ser desviadas por um palinuro intrépido e experimentado!

Às vezes um espírito bem encaminhado, dispondo de elementos fortes, por uma sugestão tentadora, desvia-se do rumo traçado, e ei-lo precipitando-se no abismo das desgraças, frustrados assim os planos, mais bem concertados! Há fatalidades, que se não podem prever! Há acidentes fatais, que o homem não pode remediá-los!...

As aberrações da natureza, exceções das leis orgânicas, apresentam deformidades, que escapam à nossa compreensão. Dir-se-á que são caprichos, arrufos, ou estremecimentos da atividade dos seres?

As próprias moléstias escapam aos recursos mais prontos e acertados da medicina, à inteligência mais penetrante do médico, que tenho visto cruzar os braços diante da prescrição diagnóstica!...

Já naveguei em mar plácido, céu sereno, sob as lufadas de um vento geral e consistente, manhã risonha e esplêndida pelos áureos raios amortecidos, benignos, afáveis, do sol de maio.

Os marujos cantavam as loas do costume aos ventos galernos. Alguns reparavam os destroços das velas; outros besuntavam as enxárcias e os brandais com pez, para melhor resistirem à ação do tempo. O mestre e contramestre, debruçados na meia-laranja, recordavam as saudades da família e as aventuras do amor...

As vergas estavam em posição horizontal. Os panos estufavam pelo vento, que bocejava em popa.

O vergueiro tinha estendido a vela grande até as enxárcias do mastro de ré. As bujarronas bambeavam...

Inesperadamente uma nuvem negra, ameaçadora vem surgindo a leste do seio do mar. Susta-se o vento norte, que reinava, e em curtos momentos fez-se uma noite caliginosa!... Entumeceram as ondas... As nuvens ofereciam figuras carrancudas, que se desfaziam e sucediam por mil formas...

Obliquaram-se as velas... Ala por b. b. e descarrega por e. b. gritava o mestre com todas as forças dos pulmões!... Bom governo, marinheiro!... Grossa chuva de granizo, alvo como o jaspe, saltitava no convés. O impetuoso vento, frio como o gelo, rasgou as velas, que não puderam suportar o seu embate! O gurupés e o pau de giba fraturaram-se. Ao arriar do pique e da boca, a vela grande fez luva... O navio adernou por b. b. As ondas abriram cavas medonhas para nos tragar!...

O mar entrava furioso pela proa e despejava-se pela popa!...

O navio jogava em todos os sentidos.

A carga d'água enjoou o navio, atordoado pelo desencontro das vagas!... A morte era iminente!...

Diversos *lumes* apegaram-se às extremidades das vergas, e um deles destacando-se dali veio pousar sobre o meu camarote!...

Eriçaram-se os meus cabelos, e julguei extinta a vida...

O trovão ribombava pela profundidade do mar!

"Digam-me os sábios da escritura que segredos são estes da natura!"

A FRAQUEZA HUMANA

O mundo moral tem seus pontos de contato com o mundo físico

Há circunstâncias tão verossímeis...

O homem planeja projetos; reúne as matérias-primas de sua obra; assenta a primeira pedra; consolida os fundamentos; emprega esforços, sacrifícios; vela constante e pertinazmente sobre sua conclusão; adapta os meios, mais apropriados; a conclui finalmente... Quando ele orgulhoso se enamora de sua perfeição e quer dar-lhe o destino conveniente, a inveja, que esvoaça o mérito, arregimenta os inimigos do belo, do bom, do justo e honesto, e cerrando fileiras, cai de improviso, destruindo-a até seus fundamentos!...

O rival do homem é o mesmo homem! Não se indaga a causa desse desmoronamento. Os zoilos aturdidos pela novidade e coragem dos demolidores, batem palmas, levantam aplausos, levados por insinuações vergonhosas.

Há gente que folga com os males alheios!...

Todos, que procuram encarar as coisas pelo prisma verdadeiro, conhecem que há homens degenerados.

Hoje que desapareceu a boa-fé, a lealdade, a sinceridade, mais do que nunca, encontram-se nos *lagos* da sociedade *crocodilos*, que choram para apanhar vítimas incautas, que procuram inscientes acudi-las no seu pranto...

Sereias que cantam para alucinar os que se enamoram de suas melodias!...

Mochos gemedores que agouram a morte do adversário e lhe cortam mortalhas!

É um mundo bem imundo!...

AS VERDADES DO EVANGELHO

No retrospecto sintético, que fizemos, do passado, vemos, com raras excepções, lutas constantes do homem com o homem, do erro com a verdade, das trevas com a luz. Tudo isto justifica as leis das resistências, que Emilio Castelar descobriu na série dos acontecimentos humanos, comparados com os fenômenos da natureza.

Vivemos num mar de angústias e de tribulações. Contrariedades nos assaltam e podemos desconfiar de tudo e de todos... A inconstância e a volubilidade nos atraiçoam a cada momento.

Crente nas verdades do Evangelho, em tempos que se não pode prever pela razão, uma Revolução universal há de determinar o segundo período do nosso planeta!

"Levantar-se-ão as nações contra as nações, os reinos contra os reinos. Obscurecer-se-á o sol; a lua negar-nos-á sua luz."

"A peste, a fome invadirão todos os lugares!..."

As letras do Evangelho hão de ter seu cabal cumprimento...

Feliz daquele que for perseverante até o fim.

PORTUGAL INDEPENDENTE

Portugal, que estava adstrito à Castela e Leão, formando um só reino, constituiu-se autônomo e independente pela doação, que em 1095 fez Afonso VI ao Conde Henrique de Borgonha do território, compreendido entre o Minho e o Tejo. Este príncipe, bisneto de Roberto, rei de França, viera com seu primo prestar seus serviços à Espanha por ocasião do assalto dos mouros. Casando com D. Tereza obtivera como dote aquelas terras. Afonso tinha um filho – Sancho – a quem pretendia deixar a coroa. Henrique e Raimundo coligaram-se para frustrar esta intenção. Raimundo morreu, e Henrique quis apoderar-se da Espanha.

PORTUGAL CONQUISTA OS MARES

As lutas, que abalaram a Europa, não deixaram de estremecer Portugal, nela contido. O direito de conquistas, que pretendia avassalar todo aquele continente, movia os povos, estendia-lhes as vistas para alargar seus domínios, com o fim de engrandecer a sua soberania e ostentar sua potência.

Era um legado dos antigos, que se perpetuava de idade em idade, de geração em geração. Os inventos modernos iam cada vez mais favorecendo estas soberbas tentativas.

A D. Henrique sucedeu Afonso Henriques, que excitara os ódios do rei de Leão, que o considerava governador de Portugal, simples província sua.

Deram-se lutas entre ambos, sendo vencido o rei de Leão em Valdevir.

Consolidado o reino, Portugal assumiu uma atitude definida e sobranceira.

Não deixou porém de experimentar abalos internos, entre os membros da dinastia reinante, tiranias como a de D. Afonso contra Inês de Castro.

Nada há em Portugal desde a dinastia de Aviz, que se iniciou por D. João I, exceto a batalha de Aljubarrota, que ofereça espetáculo grandioso. As rixas intestinas deprimem o caráter da autoridade, ateiam as chamas das discórdias e enervam os ódios, interrompendo a marcha do progresso geral.

As guerras sustam os trabalhos da lavoura, os movimentos da indústria, interrompem as relações do comércio e matam todas as forças vitais do engrandecimento de uma nação!

O infante D. Henrique vem assinalar a época da prosperidade nacional.

Aprofundando-se no estudo das matemáticas e astronomia, aplicara os princípios destas ciências à navegação. Célebres desco-

bertas realizaram seus cálculos, e com elas rasgou-se o véu, que ocultava além-mar a África e a Ásia meridional e oriental.

A seu exemplo D. Manuel, o Venturoso, tentou novas descobertas, entre as quais figura a do Brasil.

Como nos tempos de César Augusto, D. Manuel protegeu a ciência, a literatura e as artes.

Como se conciliam perfeita e inteiramente o progresso e a civilização! Irmãos gêmeos guardam entre si a identidade de seus movimentos e a uniformidade de suas operações!

Assim como em filosofia a ação é o início do ato, efeito consumado, a substância é filha da essência. O progresso é o resultado da civilização!...

A vasta região do Brasil, gigante americano, que confina ao norte com as Guianas francesa, inglesa e holandesa, ao sul com o Prata, foi descoberta por Pedro Álvares Cabral. Habitada por tribos de indígenas, errantes em suas florestas seculares, agasalhados em toscas *tabas*, comendo as ervinhas do terreno inculto, bebendo as águas cristalinas e puras, que saltavam das próximas penedias, fruíam a vida inocente desta pródiga natureza.

Suas armas eram o arco e a flecha. Instrumentos aratórios eram lâminas aguçadas de bambus (taquaras) que amolavam nas pedras, junto aos córregos.

Nutriam-se de batatas, de raízes de aipim, de mandioca, de cará, de inhame, de taioba, a que chamavam *mangaritos*.

Destes produtos naturais, cozinhados em disformes panelas de barro, extraíam o vinho, cujo processo é singular.

Faziam ajuntamentos, a que chamavam *putirão*. Velhos, velhas, moços, moças, meninos e meninas diante de um cocho de pau cavado, mastigavam com ruído as raízes, e as depositavam ali.

Lançavam água e esperavam a fermentação, que se produzia pela acidez da saliva!

Bebiam em cuias, feitas de *quimangas*, bipartidas, extraídas a mucilagem e os caroços.

Às vezes aqueciam o vinho, especialmente pela manhã, outras o bebiam frio.

À noite aqueciam-se junto às fogueiras, untando as pernas com cuspo, para dar força aos músculos.

Algumas tribos andavam completamente nuas; outras ocultavam os órgãos sexuais com uma tanga, entretecida de penas ou de folhas de palmeiras.

Pescavam com *urupemas*, tecido feito de *tabocas* em forma de círculo. Depositavam os peixes, ostras, caranguejos, e mexilhões em

samburás, também tecidos em forma cônica, com argolas de embiras (cipós) para comodidade da condução, que faziam em *varapaus*, sobre o ombro.

As setas eram de duas espécies: dentadas abaixo da ponta aguda, para as caças e homens; e com um topo no extremo para os pássaros e aves.

Os chefes das tribos usavam de *cocares*, feitos de uma larga faixa de casca flexível de árvores, que rodeava a cabeça e a fronte, ornadas de penas de papagaios, de araras, que lhes davam um aspecto majestoso.

Um cinto das mesmas penas sobre um tecido de tiras de cipó cobria-lhes o baixo ventre até às coxas.

As mulheres ajeitavam os pés, ao sentar-se, de modo que com eles cobriam as partes pudendas.

INDÍGENAS DO ESPÍRITO SANTO

Neste estado vagavam e ainda vagam diversas tribos, como sejam: os coroados, os botocudos, os pancas e mutuns.

Os segundos abrem longa fenda nas orelhas e lábio inferior dos meninos, e lhes intrometem uma roda de osso, que graduam à proporção do seu crescimento.

Mulheres e homens pintam o rosto com traços de urucum e de *braúna*.

Por ocasião dos combates untavam os corpos com aquela mesma cor encarnada e azeite de mamona.

Era o símbolo de sangue e de vingança!...

Doceis aos afagos, gratos aos mimos, fácil foi domesticá-los e, mais tarde, civilizá-los.

De uma indolência natural, filha da indiferença, e até mesmo do temperamento, próprio de uma zona tropical, foi necessário muita energia paia sujeitá-los ao trabalho. De uma volubilidade proverbial tem sido difícil, senão impossível, obter a perseverança, indispensável para as lutas e labores da vida.

São em extremo ciumentos pelas filhas, quando púberes, a quem chamam *cunhan táy*; e em geral aos filhos *membúry*.

Conquanto já esteja o dialeto dos mutuns, mais mansos que os pancas, habitantes dos fundos do – Rio Doce – corrupto, todavia em 1863, quando por ali viajei, pude colher algumas palavras, que um intérprete verteu em nossa língua.

As partes pudendas da mulher chamam *táconêma*; (*locum putrem*} as do homem tûmérim (membrum parvulum.) O fogo – *tátá*; homem ligeiro e conhecedor do mato – *tápijára*; peixe pequeno – *pirámirim*; grande – *pirá-assú*; padre – *páy*; canoa ligeira – timbéba; quer casar comigo? – *tumérim tumbaé*?

As velhas quando se despedem, fazem uma longa mesura e dizem: – *cati terendê*, adeus até logo.

Mandando calcar alguma coisa – mossóssunga.

Nas danças acocoram-se todos em círculo, batendo com as palmas das mãos nos peitos e nas coxas, e soltando guinchos horríveis. Fazem caretas e trejeitos, acompanhados de uma música infernal! Os instrumentos dessa *desarmonia* são: os cassacos, um bambu dentado, corrida a escala por um ponteiro da mesma espécie; tambores, feitos de um pau cavado, às vezes oco por sua natureza, tendo em uma das extremidades um couro, pregado com tarugos de madeira rija. A eles juntam o som produzido por um cabaz, cheio de caroços ou sementes do mato, hoje grãos de feijão e milho.

Tem da divindade um ideia muito imperfeita. Outrora reuniam-se pela madrugada, antevendo a aproximação do dia pela posição do *cruzeiro* grande, ou estrela d'alva, e iam *buscá-lo* à borda do mar, ao som de música!

Por ocasião dos eclipses da lua reúnem-se (ainda hoje nas suas aldeias) e com gritos, tiros, arrufos de tambores bradam: *acorde*, *vovó*, *não caia pra nos matá*!...

Creem em feitiços, em almas do outro mundo, em agouros et cetera... As moléstias dos recém-nascidos, especialmente na dentição, chamam: *olhado, ventre caído, arcas abertas*.

Não falam no diabo, mas o chamam - porco sujo.

Estas tradições arraigaram-se do povo nos primeiros dias da nossa nascente sociedade, e apenas se modificaram por diversas formas, como diremos mais para diante.

FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo português, em remuneração de seus serviços à pátria, foi o primeiro donatário desta capitania, segundo a divisão política daquela época.

A Vasco Coutinho fez El-rei D. João III, em data de 1º de junho de 1534, doação da Capitania do Espírito Santo, compreendendo todo o território desde o rio Mucuri até Santa Catarina das Mós, ou Baixos de São Tomé, segundo alguns escritores. Esta divisão compreendeu o rico município de Campos, e pelo seu desmembramento em 1831, invadiram-se os nossos limites ao sul, ficando assim prejudicados os nossos direitos.

A 23 de maio, domingo da Páscoa do Espírito Santo, Vasco chega à barra, e faz fundear a sua caravela na enseada da Vila Velha, que ainda conserva este nome por ser a mais antiga da província. Em estreito e pedregoso plano, à sombra do Moreno, existem velhos e derrocados muros de antiga habitação. Os indígenas obstaram ao seu desembarque, mas foram rechaçados.

Mais tarde, ao aceno amigável dos portugueses e aos tratos amistosos, foram se familiarizando com eles, e começaram a auxiliá-los no plantio da cana e cereais.

Acolhidos em todas as reuniões, afagados pela amabilidade dos colonos, foram pouco a pouco perdendo seus hábitos grosseiros e seus instintos ferozes. Afeitos ao trabalho constante, vendo nele resultados proveitosos, obtidos por instrumentos acomodados, que o facilitavam, e aperfeiçoavam as obras, conheceram que era chegada a época de se divorciarem da lassidão, em que viviam.

As espingardas, os anzóis, as espadas, os facões ofereciam-lhes uma praça d'armas para as novas conquistas do trabalho e da indústria. Eles as aceitavam em paga dos mais penosos e aturados serviços.

Inda hoje, quem quiser subjugar um índio, faça-lhe presente

de uma *taquari*, (*taquara fina*) como denominavam eles as espingardas antigas.

A instrução, como é natural, limitou-se a dar-lhes noções das diversas palavras e frases da língua, ensinando-se-lhes a pronunciá-las.

Inclinados à música, começaram a ensaiar por assobios alguns trechos, que ouviam tocar, e mais tarde *rasgavam* nas *violas* e nas *guitarras* o *fandango* popular, acompanhado de *pandeiros*, ou *adufes*.

Ciosos de suas mulheres e filhas, atropelados pela brutalidade de alguns portugueses, eles fugiram e, reunidos aos seus, romperam novas hostilidades.

Foi necessário levantar-se uma fortificação – Piratininga – sob a invocação de São Francisco Xavier, a qual mais tarde, prestou grandes serviços na invasão dos holandeses e espanhóis.

Em 1551 uma nova luz irradiou-se por toda a Capitania do Espírito Santo.

MISSÃO DOS JESUÍTAS NA CAPITANIA

Os jesuítas, missionários dedicados à propagação da fé cristã, luzeiros da instrução dos povos, do que tinham dado eloquentes testemunhos, chegaram à capitania.

Os padres Afonso Brás e José Paiva, este mestre do ofício de carpinteiro, começaram a instruir o povo nos rudimentos da fé, explicação do catecismo e os trabalhos de *obra branca* para primeiras edificações, na Vila Velha e cidade da Vitória.

Trataram os padres de levantar um seminário, de proporções agigantadas, onde pudessem com as comodidades precisas disseminar a instrução em todos os ramos de conhecimentos úteis.

Na vila de Duarte de Lemos assentaram o seu grande colégio, que funcionou com toda a regularidade e aproveitamento, até a data lamentável de sua odiosa extinção!...

Para dar uma ideia desse suntuoso edifício, que atesta ainda hoje os seus heroicos esforços, a tenacidade de seus nobres empreendimentos, basta dizer que nele funcionam com ampla comodidade a Tesouraria de Fazenda, seu volumoso arquivo, o Correio Geral, a Secretaria Geral do Governo, Recebedoria da Capital, Caixa Econômica, Repartição da Saúde Pública, Artigos Bélicos e Repartição de Terras!

No alto de uma de suas torres funciona o telégrafo aéreo, que se corresponde com o monte Moreno situado a S. E. da barra.

O ancião Joaquim de Jesus Loiola, conhecido geralmente por Quino, em chistosas palestras referia-nos os exercícios da instrução, que ali se faziam, e os bárbaros castigos infligidos pelos pedagogos a seus discípulos. No centro do colégio, enfrentando para a praça, do doutor padre Clímaco, outrora largo da Misericórdia, vê-se a capela, de arquitetura romana, com vasta nave, tendo altares laterais de gosto artístico singular, e notáveis pelo primor da obra. O altar-mor não corresponde à estrutura daqueles dois, por ter sido incendiado. Na sacristia, que foi transformada, está

a Biblioteca Pública do Estado, montada pelo dr. Eliseu de Souza Martins em 1880.

A aula de português era pública, e bem assim a de latim.

O francês, o grego, filosofia, retórica e as ciências teológicas eles as ensinavam aos colegiais internos, que pertenciam à congregação.

A música era somente sacra para as funções do culto. Meninos de coro, tirados da aula de latim, formavam a sua pequena orquestra. O cantochão figurado era o chavão para todos os hinos, sequências, antífonas e salmos. Os instrumentos eram a rabeca, o violoncelo, e o violão.

As vozes eram divinas, e o coro só por elas primava!...

O ensino estendeu-se por toda a capitania, pois dali saíram os primeiros professores.

Dos que conhecemos, mais antigos foram: o major Inácio dos Santos Pinto e José Joaquim de Almeida Ribeiro.

O método era o mútuo.

Os compêndios, adotados, eram a cartilha do padre Antônio Pereira, o catecismo de Montpellier. Soletrava-se tudo aquilo numa balbúrdia enfadonha! Escreviam-se pelos desenhos em quadros todos os caracteres caligráficos, desde as linhas retas até as letras góticas.

O pegar da pena, a posição do corpo eram objeto do maior cuidado. Bordoadas nos dedos, beliscões no corpo punham um menino tonto!...

Escrevia-se com penas de ganso, que custavam um vintém, e o mestre gastava horas em aperfeiçoar-lhes os bicos, tendo antes talhado o *aparão* em um canivete de molas.

Distribuía-se o trabalho ao toque de campainha. Para beber água levantava-se um dedo, para vertê-la dois e para outra *necessidade* três...

O mestre, do alto da cadeira, que tinha um espaldar com a coroa imperial, em sinal de consentimento baixava a cabeça, negativamente a meneava de um para outro lado.

Os castigos eram cruéis!... Estação de braços abertos, de joelhos, supostas as mãos! Posição dolorida, quando grãos de areia nelas penetravam!

E isso não era por uma hora: – duravam castigos 2, 3 e 4 horas!...

Havia três palmatórias: uma de pele de cação, outra de jacarandá, e ainda a maior e mais possante, de grumari, para os valentões!...

O mestre vestia um sobrecasaco, que descia aos artelhos, de pano fino, coberto com um boné de pele de onça, ou gato do mato... Os óculos de metal amarelo, de grandes órbitas davam-lhe um aspecto de coruja ou caburé. Seu ar sinistro, sempre ameaçador, fazia arrepiar o cabelo!

No dia, em que fiz minha entrada, fugi espavorido! Infeliz, porém, fui cercado por uma cáfila que me fez voltar à escola.

Seguraram-me pelo cós da calça, pelos braços, e lá fui preso, arrastado, e conduzido à presença do mestre, que me dispensou sempre o mais delicado tratamento!...

A FESTA DAS ONZE MIL VIRGENS

Releva notar aqui que o ensino gratuito, dado pelos jesuítas, tornou os governadores indiferentes a este ramo do serviço público. Só depois da sua extinção é que, confiando a Lei de 1828 às câmaras a sua intervenção no ensino, tomaram elas a si, e ao depois as assembleias provinciais a criação das escolas, competindo aos presidentes a nomeação dos respectivos professores.

Os jesuítas, para distrair os estudantes do seu colégio, dando-lhes folgas ao espírito, fatigado pelas vigílias e labores do estudo, criaram uma festa religiosa, consagrada às onze mil virgens, de que foram chefes Santa Córdula e Santa Úrsula, além de São Miguel, o orago da decúria de gramática, e aquelas dos segundos e terceiros anistas de latim.

Um mastro, tendo na garimpa uma bandeira, simbólica, levantava-se em frente à igreja do colégio na tarde do dia 29 de setembro.

No dia 28 saíam máscaras, bem vestidos e caracterizados, anunciando o programa da festa por um bando concebido em versos endecassílabos rimados ao par.

No dia 29, ao romper d'alva, uma nuvem, artificial, feita com esmero, conduzindo dois anjos nela sentados, percorriam as ruas principais da cidade. Eram eles os precônios da festa. Precedia-lhes duas filas de máscaras, de diversos e jocosos vestuários com bambus e flores, música, indo na frente do préstito dois campônios de clarins, que tocavam de espaço a espaço, conduzidos por dois pretinhos, bonecos artificiais, feitos com uma originalidade curiosa. Os próprios pés dos máscaras os levavam, introduzidos nos corpos postiços, e o andar vagaroso completava aquele engano, que lograva as vistas do mais curioso! Era um galante arremedo, como o dos dois anjos, que se sentavam na nuvem!...

Diante da nuvem ia o tambor-mor, de grande maça em punho, ou baliza, que dava os sinais para a mudança dos toques.

Pelas 10 horas do dia, do seu palacete, vistosamente enfeitado, saía o capitão de São Miguel, acompanhado de três sargentos de chapéus armados, casaca de verde marinho, calças brancas com galão de ouro fino; dois levavam lanças com pães doces, e talhadas de cidrão atravessadas, sem máscaras, e deles o pregoeiro do bando, recitava-o em voz sonora, fazendo o panegírico do herói da festa. Os cavalos eram bem ajaezados, cobertos os pescoços de *pescoceiras* ricas, tioteadas de fitas, flores e espelhos, que refratavam os raios do sol.

Os cabelos das caudas dos cavalos eram cobertos de compridas fitas, que as acompanhavam até às extremidades. Contavam-se mais de 200 cavalos, das melhores raças, que vinham do Queimado, Viana, Cariacica, Serra, Nova Almeida, Santa Cruz, Linhares, disputar o triunfo das parelhas, que tinham lugar às 4 horas da tarde, em frente do edifício da Câmara Municipal.

Durante o mês de outubro a rapaziada se fartava de folgança! Pudera não! Era um mês de férias!...

Na praça do colégio, no plano baixo, armava-se um teatro provisório, onde se representavam dramas, comédias, farsas, que divertiam uma numerosa multidão, concorrente sem tréguas desta festa!...

As festividades nacionais eram feitas com aparato deslumbrante!

Os dias festivos do império, os anos do rei, da rainha, dos príncipes, casamentos, partos, *et tutti quanti* de frioleiras, eram saudados por tiros, nas duas fortalezas: – São João e Piratininga – os quais faziam tremer a terra, e enublar-se o céu!

O povo chorava tantas amarguras... os pobres gemiam na miséria!...

O suor, o sangue do povo eram barateados no opíparo banquete dos reis e seus ministros!...

A instrução estava amarrotada no papelório dos estadistas, e encinzeirada no pó dos arquivos públicos!...

DANÇAS POPULARES

Desde os tempos coloniais até os anos de nossa adolescência os usos do nosso povo foram muito moderados.

Além dos espetáculos, dançavam-se *jardineiras*, *calastrazes* (contradança espanhola), *bocetas* das velhas e outros *bailados*...

A prata e ouro rolavam pelos *mostradores* para os caprichos da festa.

Que inocência de costumes! Que desperdícios de tempo e de dinheiro!

Que loucura!...

Subiam à cena no teatro, de que falamos, as seguintes peças: Nova Castro, D. José d'Áustria, Os salteadores de Mauberg, Zulmira, Nódoa de sangue, Quem casa quer casa, Judas em Sábado de Aleluia, Irmão das almas, Zanguizarra, o Juiz de paz da roça, Recrutamento na aldeia, o Doutor Sovina, e Manoel Mendes.

Representava-se também a fábula de *Perseu e Andrômeda*, exposta a ser devorada por uma serpente. O quadro era de um bosque. À sombra de uma palmeira via-se a infeliz princesa presa com grossas cadeias. Principiava a cena por um canto triste, em que ela narrava a sua desgraça. Comovido por ela, aparecia Perseu vestido à grega, que, depois de ouvidos os seus lamentos, se dispunha a matar a serpente, com a condição de desposá-la, ao que ela anuía, dizendo-lhe:

Pois, senhora, eu sou Perseu, Nas campanhas destemido, Que ao passar por esta estrada Ouvi pranto dolorido...

Bem podeis estar segura Que este meu peito amante Ser-vos-há sempre constante Em tão triste desventura.

(Aparece a serpente.)

Vêm, ó serpente malvada, Serás a meus pés degolada.

Começava um dançado, curioso pela variedade de passos difíceis entre Perseu e a serpente, investindo um sobre outro.

A serpente tinha dois metros e dois centímetros de altura. O ventre era um imenso bojo, dentro do qual um homem movia aquela máquina de grosso papelão. Tinha ela enormes asas, e as fauces escancaradas com a sua trilíngua. Ao ser decepada pela espada de

Perseu, jorrava do pescoço sangue, figurado por fitas vermelhas, que se desencadeavam da garganta. Bravos, aplausos repetidos saíam de todas as partes!

"Morreu a bicha", diziam as velhas, entusiasmadas. "Pobre menina", acrescentavam elas, "ser comida viva por uma cobra tão feia e nojenta; abrenuntio..."

É de notar que a plateia se assentava em esteiras, estendidas pelo chão em toda aquela ladeira do palácio.

Ouvi a uma velha, que queria fazer-me recordar aquelas representações teatrais, dizer:

- "Menino, muito apreciava eu aquela cenia de antonsis, que a figura falava: - Senhor Sena impracado! Intécro! Paframéco! Constança, eu morro! Sonho impácro!"

Ela queria dizer-me:

"Sombra implacável! Pavoroso espectro! Não me confundas mais, Constança, eu morro!"

Que língua de velha tartufa! Eu te arrenego!...

PEROÁS E CARAMURUS

Duas festas eram celebradas com arrojada pompa pelas rivalidades entre dois partidos – Peroá e Caramuru. Esta dissidência procedeu do rompimento, que teve a irmandade de São Benedito, ereta em São Francisco, com o guardião frei Manuel de Santa Úrsula, que não consentia expor-se o santo e o acompanhamento à grossa chuva, que caía na tarde de 27 de dezembro de 1832, oitava do Natal. Insistiam os pretos, entusiasmados, e trocaram-se palavras, chegando-se quase às vias de fato.

O guardião foi desacatado, e tomou vingança, expelindo a irmandade, composta de pretos. Na ausência do padre, reuniram-se os pretos, e levaram a imagem do santo, que foi transportada para a capela do Rosário, assentada na encosta do Morro do Vigia.

Os devotos, mais prudentes, que apoiavam o frade, que obstara a saída da procissão, vistos os prejuízos que produziria a copiosa chuva, que então caía, – teimando os pretos que São Benedito a suspenderia – instalaram a irmandade sob novos planos e programas e colocaram ali outra imagem. As rivalidades tomaram algumas vezes caráter sério, e proporções arriscadas; a prudência moderou-as. Para símbolo de seu antagonismo serviram-se os Caramurus da cor verde, e os Peroás da azul.

Alguns *ditinhos* agudos e picantes trocam-se às vezes entre as chusmas dos apaixonados; mas isso tudo é passageiro...

Forçoso é confessar que ambos os partidos desafiam-se anualmente por empenhos e sacrifícios, para exaltar os esplendores do culto, que consagram ao taumaturgo da Sicília.

FESTAS RELIGIOSAS

Às festas religiosas associavam-se outrora bailes, que se executavam nos claustros do convento e no adro da capela do Rosário. Pretinhas de dez anos cantavam quadrinhas alusivas, e recitavam poesias análogas. Entre elas repetiremos as seguintes:

Do Rosário

Numa manhã calmosa Deste mês grato e gentil, Fui colher de flores mil Esta cesta preciosa. Colhi o cravo e a rosa, Alecrim, perfeito amor; E querendo pôr valor A um ramo tão bonito, Venho dá-lo a Benedito Como mimo de primor. (Do padre Fraga)

Do Convento

Prazeres, contentamento, Momentos só de ventura Acha toda a criatura Só aqui neste convento. Neste pio monumento, Onde existe a paz contida, Nesta morada querida, Onde há só prazeres belos, Existem os meus desvelos, Existe minha alma e vida! (Do padre Escobar Araújo)

FESTA NA BARRA DE SÃO MATEUS

Por associação de ideias referirei à festa de São Sebastião, na Barra de São Mateus. Na véspera (19 de janeiro), ao lado da esbelta matriz, levantam grande barraca, fingindo em toda a circunferência uma bateria, em que se acastelam os mouros com seus capitães e soldados. À porta da matriz perfilam-se os cristãos, armados de espadas e escudos. A passo dobrado, dirigido pelo toque de tambores, dirigem-se ao santo, colocado em seu andor, fazem-lhe reverente vênia, e vão tomando seus lugares, em forma de combate. Hasteiam-se os estandartes de ambos os partidos, e os embaixadores trocam suas notas diplomáticas, expondo em versos as causas de suas controvérsias religiosas, a fim de chegarem a um acordo. Os mouros recusam-no, e declaram guerra. Segue a procissão no meio de encontros renhidos entre os combatentes, uniformizados. Ao recolher-se a procissão, os mouros apoderam-se do santo, e o levam para sua fortificação. Faz-se trégua até o seguinte dia. Às 4 horas o exército cristão declara guerra. Renovam-se as cenas de um bem denodado combate. Cruzam-se as armas; as levas são mais animadas!... Depois do trajeto, interrompido por lutas, à detonação de tiros de pólvora seca, ao brandir micante de armas, ao avançar e retroceder pelo encruzamento das ruas, estando o santo no meio da praça, os cristãos o cercam por filas dobradas, e formado o quadrado, os mouros recuam, e são derrotados, no meio de uma salva de vivas, subindo ao ar girândolas de foguetes, que apregoam a vitória, arrasada a fortificação dos mouros que pedem perdão humilhados, e são batizados, aspergindo-os o padre com água benta. Entram todos, fraternizados, para a igreja, onde se seguem os outros atos religiosos - Tantum ergo, Te Deum e a benção do Santíssimo, recebido com profundo acatamento. O estandarte dos mouros é colhido, e desfralda-se no altar o dos cristãos triunfantes!

É preciso acrescentar que no dia 19, durante a noite, há grandes festejos na barraca dos mouros, guardada por sentinelas avançadas, e a qualquer rumor dos cristãos, bradam: – "Alerta! inimigos em frente!..." Arrufam os tambores, e põem-se de prontidão em ar ameaçador. Todas as baterias estão iluminadas pelo fogo de tigelinhas!...

A VENERAÇÃO DOS MORTOS

Criados nos hábitos de uma religião, que já cheirava a fanatismo, começaram a admitir exéquias solenes nas próprias casas dos defuntos, e delas se aproveitaram os *interessados*!... Uma câmara mortuária ardente, com grossos brandões acesos, um altar ali levantado, eis o préstito fúnebre, de que se acercava o defunto!

No meio da sala, forrada de preto, ostentava-se o sarcófago, brilhando entre o fundo escuro daquelas negrejantes paredes o rosto e mãos lívidas do morto, vestido de hábito franciscano, cordão à cinta, braços cruzados, capuz, o qual transparecia pelo véu, com que o cobriam, armado sobre arcos de arame, estendido por todo o comprimento do caixão!...

Os padres em número de três, quatro, cinco até nove, conforme os teres da família, concorriam a seu convite. A música se lhes ajuntava. *Subvenite, libera-me, memento* eram ali estrondosamente entoados!...

Choro, pranto, lamentos, ais, suspiros formavam uma detonação ruidosa, um alarido confuso e medonho!...

0 saimento prosseguia, e de espaço a espaço descansavam os condutores, repetindo-se mementos três, quatro, cinco e até onze vezes à proporção do trajeto, mais ou menos longo. Este cerimonial nos veio dos usos de Portugal, prescrito pelos rituais romanos.

Hoje, raras vezes se faz esta fúnebre festividade.

Isto compungia, dilacerava o coração da família!

Nem tanto!... a morte só por si é a expressão dolorosa, a nota plangente de uma nênia, que deve ser vibrada na harpa da saudade, nos acordes de um coração sensível!...

O silêncio e o recolhimento nesse caso são as melhores estrofes do hino pungente, consagrado à memória e veneração dos mortos!... As lágrimas, o único desafogo!...

A VIRTUDE DAS DAMAS

As mulheres, criadas com grande reserva, eram modelos das mais eminentes virtudes. A família era um sacrário de pudor, de honra, de pureza.

O recato era o véu, que a enobrecia.

Ocupadas nos lazeres domésticos, ninguém as bispava às janelas! ...

Quando ainda não se usavam rótulas, as senhoras espiavam pelos postigos, janelinhas abertas no centro das portas, onde só apareciam as cabeças! Os corpinhos e seus contornos não podiam ser alcançados pelos travessos olhares! Não havia bailes...

Iam às igrejas, cobertos os rostos por um véu preto, vestidos afogadinhos até ao pescoço, com babadinhos ao redor, mangas largas com punhos do mesmo gosto. Às vezes cobriam a cabeça com um bioco, lenço de cambraia bordado, com rendas em todo o quadrado, dobrado ao meio em forma triangular, de modo que o amarravam do alto, prendendo-o ao queixo, e deixando cair as pontas do vértice para as costas. Eram umas beatinhas graciosas... Inocentes como as pombas!

De manhã a estrela d'alva! De noite a ursa major!

A MODA FEMININA

Em passeios usavam chapelinhas, que cobriam-lhes toda a cabeça, tendo um fundo para acomodar os cabelos, armadas pela frente em forma de camarim, circulado o rosto por duas trepadeiras de flores, presas pelos lados à chapelinha!

Esta moda era decente e agasalhava a cabeça. Ao entrar para a igreja, tiravam-na. Esta prática era respeitosa.

Seus vestidos nada tinham de fantasia; eram de uma só cor.

Apareceram depois os chalins, fazenda de tecido de lã, mas com o campo de ramos soltos, ou de trepadeiras miudinhas.

Nas festas mais aparatosas, seus vestidos eram ou todo branco, ou todo preto.

Sucederam as mantas de seda de tonquim, bordadas nos extremos. Lançadas pelos ombros, pendiam até a cintura.

As macaquinhas de variadas cores vestiam as mulheres de má fama.

As velhas em casa usavam de saia de chita com camisa como as de homem, largo o peito correspondente aos seios.

Em passeio vestiam saias de *cabaia* ou *fustão* com ramos de seda frouxa. Traziam na cabeça *coifa* da mesma fazenda e do mesmo padrão que a saia.

A *coifa* tinha a forma de uma fronha de travesseiro, franzida, como ele nos extremos, tendo nos centros um círculo pequeno de fazenda de cor diversa para fechá-la. Dentro colocavam paina ou algodão, para fazê-la pender às costas, e introduziam-na pela cabeça, prendendo-a por uma fita às fontes e testa, e rematando por um laço, que a segurava. Era um ninho das nossas japiras!...

Em visitas noturnas envolviam-se em seu clássico capote de *barragana* ou de *alemiste*, fazenda de lã, com um *cabeção* debruado, como as capas viatórias dos padres.

Em festas religiosas o uniforme era outro. Vestido preto em forma de túnica e manto da mesma cor sobre a cabeça. Este era circulado de renda também preta.

Apareceram os pentes, chamados – *trepa-moleques* – disformes por sua grandeza. Tinham um palmo de altura!... Usavam vestidos prateados e doirados. Que *toilette chic*!...

Caiu a moda e vieram fazer época os grandes chapéus pretos com três penas de pavão, tingidas daquela cor. Horrível! Era uma barretina dos antigos militares!... Isto era só para as velhas... privilégio exclusivo!...

Vieram os turbantes ou gorros. Eram uns *giornos*, postos sobre as cabeças. A moda adicionou-lhes vestido estreito de três panos, curtos à meia perna, e sapatos de entrada baixa com altos tacões!... *Vade retro*...

As gordas estavam ensacadas...; as magras tripas vazias ou guardas-sóis desarmados!...

Não parecem estes inventos tentações diabólicas? Meios de ganhar a vida e lograr a mulher em suas veleidades!

A MODA MASCULINA

Os homens que ocupavam cargos públicos, os ouvidores, juízes ordinários, os almotacés, vereadores de câmara, nos dias de gala, nas audiências e sessões magnas usavam meias de seda, sapatos com fivelas de prata ou ouro, calções curtos e chapéu armado. O que achei curioso foi ver o juiz ordinário neste gosto, trazendo por distintivo de sua jurisdição uma rodinha de *cipó de rego*, presa a uma das pestanas de sua rotunda casaca. Além de toda essa arrumação tinha um espadim de ouro, pendente de duas correntes do mesmo metal.

As casacas ora tinham as pontas delgadas, como a cauda de um periquito, ora largas, como a casula de um padre!

Seguiu-se a calça com três e quatro pregas na braguilha, *alçapão* por *abotoadura*, terminando por uma presilha de fazenda ou de couro que atravessava a sola do calçado. Andava o pobre homem encilhado como um burro!...

AS MOÇAS

As moças montavam a cavalo em selins comuns, ou selas. Traziam na cabeça cartolas de pelo de diversas cores com larga fita, presa por uma grande fivela.

CARMELITAS E FRANCISCANOS

Depois da extinção dos jesuítas, que lançaram os fundamentos da fé católica, e dentre os quais tanto se distinguiu José de Anchieta, penetrando em nossas floretas para trazer à luz da civilização tantos dos nossos irmãos, mergulhados nas trevas da ignorância, apareceram os carmelitas e franciscanos, religiosos que fundaram os conventos do Carmo e São Francisco.

A educação, firmada em princípios religiosos, produziu a piedade, o temor de Deus e os íntimos receios da consciência.

As constantes práticas religiosas, as pregações, as confissões subjugaram o povo, disciplinaram os costumes, e abrandaram a ferocidade.

Por outro lado, o despotismo de alguns governadores aterravam-no de modo que nenhuma tentativa de reação concebia contra as leis, contra a autoridade e moral pública.

Dois postes de madeira, um no cais da Alfândega, outro na rua da Misericórdia eram os padrões, que o cruel despotismo levantara para apregoar a sua inexorabilidade. Neles açoitavam-se barbaramente, desapiedadamente os réus, ainda de leves culpas.

Nas audiências públicas os juízes ordinários mandavam os meirinhos castigarem os réus de polícia com palmatória! A ausência dos jesuítas prejudicou o estudo superior, subsistindo apenas o latim que foi ensinado pelos padres Marcelino Pinto Ribeiro Duarte e outro do mesmo nome, que se retirou para o Rio de Janeiro, onde faleceu vigário de São Lourenço, do município de Niterói. Sucedeu-lhe Luiz da Silva Alves de Azambuja Suzano, como substituto, sendo então nomeado o padre Inácio Félix de Alvarenga Sales, professor efetivo daquela cadeira.

O MÉTODO FERREIRA DAS NEVES

O ensino primário passou por nova fase. Adotando o Rio de Janeiro o método de Valdetaro, que excluía a soletração monótona e tardia para a leitura corrente, para ali foi mandado Manoel Ferreira das Neves em 1840 para estudá-lo.

Em seis meses este inteligente e zeloso professor compreendeu-o, e veio praticá-lo na escola pública, que lhe foi de pronto confiada com toda justiça e por pleno direito.

Multidão de moços, plêiade dos mais robustos talentos, deixou a velha escola do major Inácio e veio engrossar a falange do mais caprichoso mestre que possuiu a província!

O método adotado por Neves foi o misto. Os compêndios eram: Cartas silábicas com exercícios em quadros parietais, Simão de Mântua, ou o mercador de feiras, Poesias sacras de Lopes Gama, Sinônimos de frei Luiz de Souza. A gramática portuguesa era aprendida juntamente com o latim. Aos mais adiantados ensinava gratuitamente o francês pela gramática de Lhomond. Foi o primeiro que explicou decimais, antevendo a adoção do sistema métrico.

Mantiveram-se as duas cadeiras por muitos anos, até que o desenvolvimento da instrução fê-las atingir o número atual de sete, regidas, cinco mistas, por dignas e hábeis professoras tituladas pela Escola Normal.

ENSINO RELIGIOSO

Nos conventos de São Francisco e do Carmo não se distribuiu a instrução por grau algum. Limitaram-se os religiosos a sucederem em suas guardianias no primeiro, e em seu priorado os segundos.

Os rapazes, enlevados pela grandeza do culto, pelo sentimento religioso, pelo ardor da fé implantado no coração, olhando as vantagens, que lhes oferecia o estado eclesiástico, embevecidos pelo amor de glória, foram inclinando-se para a vida, e pobres, sem recursos para outra carreira, começaram a seguir para os seminários do Rio de Janeiro, garantindo os padres a sua decidida proteção.

A frequência deu lugar a ter a capital reunidos no seu seio onze a doze padres, incluídos os religiosos!

O COLÉGIO ESPÍRITO SANTO

Graça às conquistas da civilização e do progresso criou-se um liceu de letras em 1854. Foram nomeados: – diretor, o padre dr. João Clímaco de Alvarenga Rangel; lente de latim, padre João Luiz da Fraga Loureiro; de matemáticas, o engenheiro Sepúlveda de Vasconcelos; de francês, o dr. Ortiz; de história e geografia, Luiz Alves de Azambuja Susano; de retórica, o padre Francisco Antunes de Siqueira.

Não podendo as finanças da província custearem o estabelecimento, foi suprimido.

A receita da província era de duzentos contos e na força da maior produção de trezentos contos de réis.

Em 1870 restabeleceu-se o liceu com o nome de Colégio Espírito Santo. A necessidade do ensino o exigia. Já havia aspirações mais largas. A mocidade devassava horizontes de um futuro rico de cometimentos. Suas nobres tendências foram satisfeitas. Unidade de vistas reunia-os em redor dos mestres para disputarem o marco da glória!...

AULAS PARTICULARES

Devemos confessar que desde 1822 até 1849 existiam aulas particulares para o sexo feminino. Dona Maria de Miranda, chamada Velha Mocinha, mulher de espírito, lecionava ali na rua das Flores a mais de trinta alunas; dona Ana Joaquina na praça dr. João Clímaco; dona Inacinha de Azevedo na ladeira da Várzea; dona Rochina Souza na ladeira da Matriz; dona Joaninha de Seixas nas obras do Batalha. O ensino reduzia-se a ler, escrever e contar, a bordar, a fazer crivos e rendas, em almofadas a bilros soltos.

TECELAGEM

Tivemos até um sirgueiro chamado Eustórgio.

Em geral as mulheres pobres fiavam o algodão em fusos e engenhos, tocados pelo pé.

Três ou quatro tecelões, Dionísio, os dois Batistas e o velho Silva, tinham teares, para grossos rolos de pano, que serviam para camisas, calças e outros usos domésticos.

Nas fazendas entrava o tear na economia de roupa para os escravos.

MEDICINA E CURANDEIRISMO

A medicina era exercida, quase geralmente, por curiosos, a que o vulgo chamava curandeiros. Remédios grosseiros, colhidos de cascas, frutos, raízes e sementes agrestes, pela maior parte compostos com aguardente eram os específicos para quaisquer enfermidades.... Quantas vítimas não caíram sob o efeito de inexperientes aplicações! A moléstia reinante eram as intermitentes e febres palustres, que cediam à poaia, encontrada na estrada desta cidade à Jucutuquara.

A raiz do fedegoso, amargo único, substituía o quinino. Purgantes de azeite de mamona, clisteres de maririçô, vomitórios de bucha eis a farmácia natural, a que se recorria! Os banhos se compunham de milhares de ingredientes!....

O pico preto, a bracaúna, as folhas de pinhão, o cipó-escada, a folha de ara e outros muitos entravam nas operações medicinais.

Quando as moléstias eram gravíssimas, e não cediam de pronto à ação dos medicamentos, cheio de fé nos auxílios divinos, apelava o povo para eles, e, às vezes, em crises, bem arriscadas, obtinham a saúde!...

A fé anima, a esperança consola e os sofrimentos galardoam! Profundos arcanos da Providência quem pode penetrar?

Há mistérios na ordem da natureza, na ordem da razão e na ordem divina!...

ENFERMEIROS E FARMACÊUTICOS

Com os transportes de tropas do Rio de Janeiro e das capitanias do norte, quando se socorriam reciprocamente, vieram para o Espírito Santo, nas vésperas das guerras da Independência três enfermeiros práticos nos hospitais de sangue, que tomaram entre nós o tratamento de *licenciados*. Eram eles Pornin, Barata e José, vulgo Hospitaleiro.

O primeiro entendia de cirurgia, e fez felizes operações. O povo cotizou-se, e formou partidos para sustentá-los. Eram caridosos e dedicados aos sofrimentos da humanidade.

Pelas reclamações dos governadores vieram de Niterói os farmacêuticos formados Escobar e Goulart, que relevantes serviços nos prestaram. Humanitários por excelência fizeram valer seu zelo, sua perícia nas epidemias, que assolaram o povo em 1849, 1855 e 1856.

Nas moléstias comuns eram eles os próprios médicos. A pobreza nunca sucumbiu à mingua de tratamento. Eram anjos da caridade!

Tivemos um outro, Miguel Batalha Ribeiro, homem excêntrico, e que não teve a popularidade dos outros. Possuía um gênio particular... O que querem? A natureza tem tantos caprichos!...

OS SERVIÇOS DE NAVEGAÇÃO

A navegação era feita por barcos de vela. De anos a anos lá ancorava um vapor, o que fazia correr o povo às praias, despertado pela grita do rapazio, que atordoava-o pelas vozes repetidas: "Aí vem um vapor! Aí vem um vapor!..."

Se era um navio de guerra, meu Deus! Fugiam todos para o mato vizinho, e as mulheres encerravam-se em suas casas!

Tinham sua razão!... As invasões dos holandeses e espanhóis nos tempos do governo da metrópole, o recrutamento feito pelo brigue *Ururau*, ainda traziam o povo em sobressaltos!...

Iniciou a navegação a vapor o *São Mateus*, e após ele seguiram-se outros com algumas irregularidades.

Empregavam-se na cabotagem brigues, escunas, patachos, iates, que tivemos em número de dezoito. Exportavam daqui para o Rio de Janeiro milho, feijão, farinha de mandioca, polvilho, madeira, amendoim, e cal em grande quantidade. O açúcar e melaço era em pequena porção, mas Itapemirim deles abastecia o mercado do Rio de Janeiro! A aguardente tinha suas partidas boas; o Itapemirim por isso quintuplicava-as.

Presentemente tudo isso nos é importado!!!...

O MERCADO

Dezoito lanchas de pescaria traziam o mercado regurgitando de peixe! O preço era ínfimo.

O miúdo, como manjubas, pescadinhas, vendiam-se em gamelas de quartas a 80 réis! Os maiores peixes, como o mero, o badejo, o olho de boi não excediam de quatro mil réis.

Era uma fartura fabulosa!....

A carne seca, o bacalhau não tinha extração.

Os mexilhões, as ostras custavam duzentos e quarenta réis o alqueire. Uma gorda galinha oitocentos réis; um peru dois mil réis.

Ovos, três por quarenta réis!...

A imprensa era aqui desconhecida em periódicos.

O primeiro que a estabeleceu foi Aires Vieira de Albuquerque Tovar. Não logrou publicar o seu jornal. Era alferes, moço distinto, filho do governador Tovar. Serviu numa expedição ao Rio Grande do Sul.

Em 1849, a empenhos do farmacêutico Escobar veio Pedro Antonio de Azeredo, que montou uma pequena tipografia, na casa, que foi propriedade do tesoureiro Santos Ribeiro.

O primeiro jornal – *Correio da Victoria* – saiu à luz da publicidade em formato pequenino (4º francês). Transformou-se depois em – *Espírito Santense*.

Despediram outros os carros do progresso: a Regeneração, o Provinciano, a Semana, o Maribondo, o Guarda Nacional, o Pica-pau, o Capichaba bateram-se em campos desiguais, e despedaçaram-se nas lutas inglórias dos partidos sem princípios, sem ideias, urdidos nas cavilações de ambiciosos, que só miravam os seus sórdidos interesses...

Apareceram a *Província do Espírito Santo* e a *Folha da Victoria*. Os únicos que atravessaram um período mais prolongado foram o *Espírito Santense*, quando de propriedade do capitão Basílio Carvalho Daemon, que o manteve no invejado posto de honra, e a *Província*, hoje *Estado do Espírito Santo*.

Devemos confessar que o *Estado do Espírito Santo*, o lidador constante por todos os interesses locais, caprichoso pelos assuntos seletos, distinguiu os seus redatores – Muniz Freire e Cleto Nunes – que com razão foram chamados – *os arquitetos das glórias espírito-santenses*.

Por igual empenho o dr. Póvoa em sua *Gazeta da Victoria* esmagou e pulverizou as controvérsias dos partidos, e como Alexandre cortou o nó górdio, atoleimado mistério dos *destinos* da Ásia!... Como o mar, às vezes calmo, inspira sempre sérios receios...

A FÉ FM DEUS

A religião dos nossos maiores manteve-se sempre inalterável em seu culto, uniforme em suas práticas, una em seus dogmas, eficaz em seus sacramentos, sublime em suas maravilhas e intransigente com os vícios, que procurava debelar e extirpar pelas raízes. Desta luta constante resultou-lhe em todos os tempos as glórias de seus triunfos! Firmada em alicerces, talhados pela mão divina, com olhos compassivos vê as desgraças da humanidade!

Acode-lhe de pronto, quando ela reclama seus auxílios; volve-lhe as costas, quando ela os repele!... Fatal é o desprezo, quando Deus abandona suas criaturas!

Romper os laços do comércio entre o homem e seu Deus, é o erro capital, mais funesto, do século em que vivemos!...

O homem sem crença sólida é uma nave sem bússola, vagando à mercê das ondas. A impiedade é o cúmulo de todos os erros, assim como o ateísmo é a aberração da essência racional, dos ditames da consciência humana!

PROCISSÕES E FESTA RELIGIOSAS

As festas religiosas, expressão das crenças cristãs, como a palavra o é do pensamento, o tipo da ideia, primaram entre nós pelos realces, adornos e suntuosidade, com que se vestiam os nossos templos, que ainda se conservam em número de onze.

Na capela dos extintos jesuítas festejavam-se as Onze Mil Virgens; na Misericórdia, Nossa Senhora Mãe dos Homens; em São Francisco, a Conceição Imaculada; em Santa Luzia, Nossa Senhora dos Remédios; em São Gonçalo, Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte e Assunção; na Capela da Penitência, São Francisco das Chagas; na igreja do Carmo, Santo Elias e Nossa Senhora do Monte do Carmo; na capela da mesma ordem, Santa Teresa de Jesus; na Matriz, Nossa Senhora da Vitória, São Pedro e o S. S. Sacramento; na Conceição, a de sua oraga; no Rosário, idem; e da mesma Senhora em São Gonçalo, sendo ali a irmandade dos pretos e aqui a dos pardos.

Da capela dos Terceiros da Penitência saía a grande procissão de Cinzas, e da dos Terceiros do Carmo a imponente procissão do Triunfo. Desfilava-se o préstito numeroso de mais de oitenta irmãos das ordens da Penitência e Carmo, que lhe dava uma gravidade respeitosa.

Do Carmo grande, na primeira quinta-feira de Quaresma, saía o Senhor dos Passos, que se depositava encerrado na igreja da Misericórdia, donde na sexta-feira percorria descerrado os lugares escolhidos para esse fim, ornando-os espontaneamente os particulares com luxo.

Na igreja pregava-se um sermão análogo. Fazia-se o encontro do Cristo com a Santíssima Virgem, no encruzamento das ruas Costa Pereira e Assembleia, no canto de Santa Luzia, onde ainda havia prédica, que muito comovia o povo pela presença expressiva das imagens e pela moção dos afetos, que produziam os tropos e figuras do mecanismo da eloquência sagrada.

Dizem os mais antigos que o padre-mestre Monte Alverne e frei Bastos da Bahia, ambos franciscanos, nessa ocasião abalaram o povo pelos arroubos da sua inimitável eloquência e bem escolhidos conceitos oratórios!

Ao entrar da procissão tinha lugar o sermão do Calvário. O negrejar dos altares, o frouxo clarão das poucas luzes, os acentos da música, entoando o: – *bajulans sibi crucem*, *exivit in eum*, *qui dictur Calvarioe locum*, moviam as íntimas fibras da alma.

A confissão, a comunhão quadragesimal eram observadas em seu inteiro rigor.

Na matriz as mesas da sagrada comunhão renovavam-se até uma hora da tarde, e seis sacerdotes não satisfaziam as exigências dos cristãos!...

Nas sextas-feiras da Quaresma, às 4 horas da tarde, havia via-sacra da Penitência, acompanhada por grande número de terceiros e massa do povo. À noite uma outra das Dores contemplava os mistérios dolorosos da Mãe angustiada visitando sete igrejas.

ROTEIRO DAS PROCISSÕES

As imagens, de que se compunha a referida procissão de Cinzas, assim denominada, porque era feita na primeira quarta-feira da Quaresma, em que se distribuíam as cinzas depois da missa celebrada, e cuja cerimônia religiosa consistia em fazer o sacerdote na testa uma cruz com elas, lembrando a nossa mortalidade, acompanhada das palavras — memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris, que querem significar em português – lembra-te, homem, que és pó, e em pó te hás de transformar, eram as seguintes: a do Rosário, do beato Antônio de Sócos, preto de eminentes virtudes; de São Luiz, rei de França, tendo a seus pés o cetro, a coroa e as púrpuras da realeza (quimeras da imaginação, sonhos de um dia) substituídas pelo grosseiro saial da penitência; dos Bem-casados, um velho e uma velha, exemplos da fé conjugal; Santo Ivo, doutor da Igreja, ilustre candelabro da teologia cristã; Jesus Cristo, o Salvador do mundo; São Carlos Borromeu, bispo; Santa Margarida de Cortona, penitente; fechava essa galeria imensa dos cultores do Jardim Seráfico o Cristo crucificado em andor ricamente preparado.

Cada uma era precedida de um anjo, levando um painel oblongo com dísticos relativos.

O anjo, que marchava à frente da imagem do Rosário levava escrito o seguinte: – *Sub tuum praesidium confugimus, sancta Dei genitrix.* Nós nos submetemos à tua proteção, ó santa mãe de Deus.

O do beato Antonio era: – *Niger in facie, sed formosus in corde*. Preto no rosto, mas formoso no coração.

O de São Luiz: – *Bonum certamen certavi, cursum consumavi.* Disputei um bom combate, concluí minha gloriosa carreira.

O dos Bem-casados: *Quod Deus conjunxit, homo non separet.* Não desligue o homem aquilo que Deus ajuntou.

O de Santo Ivo: – *Verbum Dei non est alligatum*. Não se pode pear a palavra divina.

O do Salvador: – *In livore ejus sanati sumus*. Fomos libertados pelo seu precioso sangue.

O do Crucificado: - Consummata est redemptio nostra. Está consumada a nossa redenção.

O de Santa Margarida de Cortona: – *Agite paenitentiam; si eam non egéritis, omnes peribitis.* Fazei penitência, se não a fizerdes, morrereis todos.

O do Bispo: – *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis.* O bom pastor sacrifica-se por suas ovelhas.

Adiante do pálio ia um moço esbelto, vestido de anjo da ordem com capacete romano cobrindo-lhe a cabeça.

A procissão do Triunfo da Ordem Terceira do Carmo constava dos Sete Passos, mais doloridos, do Cristo, representados por sete imagens.

A do Senhor no Monte das Oliveiras, oferecendo o cálice das amarguras da paixão; a dos açoites, presa à coluna; a do exposto às irrisões e aos motejos da populaça; a do – *Ecce homo* – apresentado ao povo por Pilatos, para excitar-lhe a compaixão; a do Senhor sobrecarregado da cruz; finalmente a dele crucificado, tendo a Madalena, abraçada aos pés da cruz.

O desalinho da imagem, seus cabelos desgrenhados, seu semblante choroso, exprimiam a profundidade da dor!

Era um ato respeitoso e imponente, que provocava todos os sentimentos de piedade, elevando a alma às regiões estranhas aos movimentos de torpeza, que agitam este mundo de veleidades, de lutas efêmeras e inglórias, que todos os dias nos submergem no pélago insondável dos túmulos, de que debalde pretendemos abstrair-nos pelas distrações, pelos jogos, pelos festins e pelos próprios amigos, que nos traem sob risonhas aparências...

Todas estas coisas entram, sem o sabermos, na ordem dos elementos da nossa própria destruição.

Essas cerimônias religiosas faziam o espírito rodar em uma circunferência, traçada por uma tradição uniforme, constante, que

lhe assinalava seu princípio e seu fim, todo divino, sublimando a dignidade humana à altura do trono de um Ente supremo que pela Encarnação soube dirigir os afetos do coração e as funções das potências d'alma, fazendo-os correr seguros todos os marcos da existência!

As expiações do Nazareno em prol de nossas fraquezas é o poema épico mais original das fases da vida, onde mais bem colocados, experimentamos os infortúnios, inerentes à nossa natureza! Para suavizá-los, Deus identificou-se conosco, dando-nos com o raro exemplo de sua heroica abnegação, um espírito superior para encararmos com denodo as vicissitudes desta vida tão precária!

Ó religião, como são largas as tuas vistas, infindos os teus horizontes!

Viver no mundo, sem cair em seus enredados laços; gozar as doçuras da fortuna, sem sorver seus venenos; ver-se na elevação sem enfatuar-se; cair no abatimento sem esmorecer, só teus heróis podiam obter o fanal de tanta glória, cúmulo da verdadeira grandeza, que os séculos não se fatigam de admirar!

CRUZES E PATUÁS

A observância do jejum, a abstinência de carne, e de atos reprovados habituaram o nosso povo a uma moralidade exemplar.

Em todos os atos da vida a religião tinha impresso o seu cunho admirável. Ao levantar da cama recitava-se a oração da manhã: *Meu Deus, é ainda por efeito de vossa bondade que eu vejo a luz do dia! Fazei que eu caminhe seguro, guiado por vossa providência infalível.*

Ao jantar, o pai de família benzia a mesa e cada qual deitava no prato a farinha em forma de cruz. No fim davam-se graças por esta simples oração latina:

Per hoec domma, et coetera data, Sit sancta Trinitas semper laudáta, Por estes dons, que nos são ofertados, Pai, Filho e o Espírito sejam louvados.

Ao deitar, faziam preces a Deus. A oração comum era a seguinte:

Com Deus me deito, com Deus me levanto; Com graça de Deus e do Espírito Santo. Se dormir muito, acordai-me; Se eu morrer, alumiai-me Com as tochas de vossa Trindade Na mansão da eternidade.

Rezava-se o terço, a coroa de Cristo e as ladainhas.

As senhoras traziam pendentes do pescoço cruzes, relicários, bentinhos, e rosários preciosos.

Por ocasião de trovoadas cantava-se o *bendito da eucaristia*, rezava-se a *magnificat*, a oração de São Brás, de São Jerônimo, e de Santa Bárbara. Acendiam-se nos oratórios, principal adorno das salas, velas bentas; queimavam os ramos bentos, recitava-se o *credo em cruz*. Despejavam-se fora todos os metais, atrativos da faísca elétrica.

Dominados pelo medo gravíssimo nunca ouvi acertarem tais orações, que eram continuamente interrompidas pelos trovões, que vinham dar reticências em tudo, senão suspendê-las aos gritos de Misericórdia! Misericórdia!

Tinham benzimentos para tudo! Dentre estes lembra-me de um específico contra as erisipelas; que é um acervo de mentiras:

Pedro e Paulo foi a Roma E Jesus Cristo encontrou. Este lhes perguntou:

- Então que há por lá?
- Senhor, erisipela má.
- Benze-a com o azeite,

E logo te sarará!....

Ao entrar na igreja, tomando água benta, diziam:

Tomo esta água benta Em remissão dos meus pecados, Para em dia de Juízo Serem todos perdoados.

MAGOS E EMBUSTEIROS

A nossa instrução ainda nesse tempo não tinha tocado a meta desejada.

A capital era apenas quem gozava dos foros da civilização; mesmo assim nas últimas camadas do povo notam-se ainda muitas parvoíces! Nem tanta credulidade por fanatismo, nem tanta incredulidade pelo orgulho. *Sit modus in rebus*. Todo o excesso é vicioso, e até, segundo os lógicos, o muito provar é nada provar...

Essa crença absoluta por todos os meios bem longe de engrandecer a religião de Cristo, fundada em espírito e santidade, avilta-a em presença dos espíritos cultivados na messe copiosa das ciências. Se queremos levantar o povo, levantemos a religião sob as vistas luminosas do seu Fundador.

Em 1849, deu-se em São João de Carapina, freguesia, distante da capital duas e meia léguas, um fato, que chamou a atenção do Rio de Janeiro. Eu vou referi-lo, e cada qual faça os devidos comentários.

Um pobre homem, dado ao vício da embriaguez, arvorou-se em padre e com um *latim sui generis* todo engrolado, começou por batizar, casar, e até celebrar, o que fazia deitando aguardente em um copo, o qual cobria com um livrinho de Santa Bárbara, pondo sobre este um ramo de alecrim. Em frente de um oratório o nosso beberrão, embuçado em um longo chale, macaqueava umas estúrdias cerimônias, e o povo do Jaçapê, de joelhos, ouvia em curvatura humilhante *o santo sacrifício da missa*!

Que profanação! O sacristão dirigiu-se ao vigário para comprar-lhe velas. Este indagou para que fim. O tratante respondeu: – Para alumiar o Santíssimo Sacramento!!!...

À vista disto imediatamente deram-se providências, e a polícia com o pároco dirigiu-se ao lugar. Ali encontraram multidão de pessoas, que foram dispersas, preso o sujeito e remetido para a cadeia da Vitória! *Mirabile dictu, horribile visu*!...

Em 1864, num lugar, denominado – a Lájea – declarou-se uma casa, perseguida pelo demônio. Todos, que para lá foram admirar as travessuras diabólicas, vieram horrorizados, e corridos pelo fogo, pedras, pregos, areia, barro, que caíam do alto da casa no seu interior! Tinha-se o demônio apoderado da propriedade alheia, perturbando a posse mansa e pacífica de tantos anos, contra as leis, que regem cá o nosso mundo!

A polícia e o próprio subdelegado, Luiz Duarte Carneiro, marcharam para lá!

O diabo pôs embargos e acastelou-se, empregando tenaz resistência. Pediram a minha intervenção, como pároco, e o dono da casa, pobre e ignorante, preveniu-me que levasse água-benta, para os exorcismos! Conheci que ali havia manhosa velhacaria...

Era do meu dever ensinar àquela infeliz gente, e fazer a luz da verdade brilhar em toda a sua plenitude!

Embarquei com muitos companheiros, e durante a viagem de duas horas referi muitos casos idênticos, em que só se descobriram os ardis dos homens. Subi a extensa lájea, e dispus-me à afrontar todos os perigos... A família estava no terreiro espavorida. Conhecia perfeitamente a todos dela, que ali se achavam, notando logo a ausência, de uma moça, esbelta, bonita e de uma peregrina beleza, filha do casal. Isto fez-me espécie, e apanhei o fio de toda aquela meada. Fazia ela o papel do centro naquela comédia!

Penetrei na casa, e perguntei aos pais pela filha. Está no seu quarto, disseram-me, costurando... Apenas desviei a vista para o lado de fora, um torrão de barro foi arremessado! Olhe, gritaram, já ele principia com as travessuras... Ajoelhavam-se... Benziam-se....

Não tardou, do centro do quarto foi jogada uma batata doce. Reparei bem de onde saíra, e para ali convergi todas as vistas... Muito bem! muito bem! disse eu. Venham mais batatas; adivinhou; gosto delas.... Em seguida brasas acesas e cinza me foram atiradas! Mal vai a graça! Se continua, eu repilo.... Vieram batatinhas miúdas.... Bom; agora isto é outro caso!

Enfim, depois de tomar um fartão, levantei-me, bati à porta do quarto.

Apareceu-me a moça, em ar disfarçado, à negligé, com uma mansidão de rolinha...

Moça, increpei-lhe, o que está fazendo? Para que perturba a tranquilidade de sua família? Uma boa filha não deve proceder assim! Franqueie-me seu quarto... Permitiu, e entrei.

Vi pelo chão vestígios de cinza, resíduos pequenos de carvão... Apontando-os, perguntei: – O que é isto? Mandei levantar um grande estrado, e debaixo achei *munições* de todo o gênero!...

Conchas de ostras, dentes de jacaré, caroços de algodão, batatas, brasas apagadas, ossos de animais, casco de tatu, penas, etc. etc.

Está descoberto o demônio!

Envergonhada, cabisbaixa, chorava!...

Retirei-me. Fez-se a paz.

Criada uma aula de música, em 1853 opôs-se a ela Baltazar Antonio dos Reis, natural da província da Bahia.

Seus primeiros discípulos: Jacinto Escobar, Lelis Horta, Bastos, Deolindo, José Wanzeler, Aires Tovar e outros formaram a primeira orquestra, executando a Missa de Francisco Manuel, na igreja de São Francisco em 1855.

Depois de sua pranteada morte, desenvolveu-se a música admiravelmente.

A natureza foi pródiga para esta paixão nobre, e com a vinda do Rio de Janeiro para esta província do insigne Azevedo, pai de João de Azevedo, hoje nosso festejado maestro e compositor distinto, a música entre nós vai gradualmente ascendendo para a perfeição. Possuímos quatro bandas completas, que nas nossas festas traduzem em grau elevado os sentimentos, que pululam nos corações do povo, vibrando nos seus maviosos acordes emoções que a alma sente, mas que a linguagem não pode descrever!

São conhecidas a Rosariense, a Franciscana, a Junção e Perseverança, a União e Progresso.

A música do Batalhão 32 ocupa um lugar distinto e se tem aprimorado pela austera disciplina das regras da arte.

A do Corpo Policial vai-se adestrando com galhardo progresso, e se tem exibido otimamente.

Outrora as igrejas tiveram bons órgãos. Por uma condenável negligência foram todos destruídos.

Hoje existem dois harmônios, na capela correta e limpa dos Terceiros do Carmo e na igreja de São Francisco.

As senhoras, que outrora se esquivavam de fazer parte dos coros, já deixam ouvir suas vozes arrebatadoras nas nossas cerimônias religiosas.

Com o ensino do canto e piano é provável que em breve se levante o esplendor do culto, tão inçado de sinfonias profanas...



O ENSINO PÚBLICO

O ensino público da província, depois da proclamação da Independência, que firmou a estabilidade das instituições do país, e deu-lhe uma nova fase de vida política, foi melhor dirigido sob um chefe, a quem subordinou-se todos os seus movimentos.

Criou-se um conselho superior de três membros, cujo presidente era o diretor-geral da Instrução Pública.

Ele não cuidou, porém, do principal elemento constitutivo e era a uniformidade do ensino público. Daí resultaram grandes desvantagens, que muito o prejudicaram. Havia diversos métodos e eram diferentes os compêndios adotados nas aulas a mero arbítrio dos professores.

O dr. João Tomé da Silva reformou a instrução sob um plano mais consentâneo. Deu às cadeiras graduações de primeira, segunda e terceira entrância, nas quais eram promovidos os professores, segundo seus serviços e certa soma de habilitações. Aquelas entrâncias foram distribuídas pelas cidades, vilas, freguesias ou povoações.

Montou escolas normais para ambos os sexos.

Em 1875, o Ateneu Provincial aumentou suas cadeiras, adicionando-se-lhe filosofia, retórica e inglês. Ofereceu, então, ele garantias aos moços, que frequentavam todos os preparatórios exigidos para os cursos superiores do Império.

Grandes foram os resultados obtidos.

Dr. Eduardo Chapot, dr. Antonio Augusto, tenente Ramalhete Gameiro, engenheiro Urbano de Vasconcelos, Virgílio Barbosa, padre Guizã, Domingos Rocha, Horácio Magalhães, João Magalhães, dr. José Marcelino Pessoa, dr. Gélio Paiva, Sebastião Barroso, dr. Olímpio Lírio, dr. Deocleciano Araújo, Deocleciano Oliveira, alferes Edgardo Daemon, 1º tenente Ticiano Daemon, alferes João Sarmento, alferes Antonio Leitão da Silva, dr. José Monjardim, acadêmico Argeu Monjardim, Amadeu Magalhães, Pedro Lírio, José Augusto Monjardim, dr. Goularte, tenente-coronel Campos, Antonio Campos Sobrinho e

outros são constelações que brilham no céu da república das letras... são testemunhos dessa criação, que os elevou aos degraus do mérito pelo brilho de seus talentos e aplicação ao estudo.

MILITARIZAÇÃO DO ESTADO

Com a proclamação da República o nosso estado, hoje legalmente constituído, militarizou-se.

Criou-se um batalhão sob o n° 32, e um Corpo de Polícia, que forma o regimento estadual.

A cidade vive sob um movimento belicoso. As praças cruzam constantemente as ruas. Em folga demasiada, frequentando as tabernas, agrupados às suas portas, das demasias, provocadas pelo álcool, hão se originado bem sérios conflitos, que tomariam proporções desagradáveis e fatais, se não fosse a prudência de seus dignos oficiais. A disciplina militar é a *alavanche* das forças públicas.

O PRIMEIRO GOVERNO REPUBLICANO

Constituída a República, assentada a nova forma de governo pelos princípios da democracia mais apropriada às nobres aspirações do povo, que sabe compreender, os dois partidos militantes da província, refundiram-se para de novo organizarem-se sob os novos moldes. Os elementos porém, não se expurgaram bem das fezes e deformidades antigas.

As desconfianças, os ciúmes, as aspirações do mando, a vingança entraram na fundição de um deles. A traição foi o primeiro móvel, para enfraquecer a árvore nascente, que augurava risonha primavera e rica florescência.

O talentoso, o circunspecto, o profundo pensador Afonso Cláudio de Freitas Rosa, pela fama de seus méritos, pelos seus heroicos serviços, foi nomeado governador provisório. Uma chusma de inválidos apupou-o.

Os seus admiradores o cercaram do prestígio de que era digno. Saudaram-no, e aplaudiram!...

O governo era do povo... todos queriam governar!

Consultaram-se os chefes, convocaram-se reuniões, apareceram dissidências, e por elas levantaram dois partidos – Construtor e Unionista!

Já se vê que no segundo há um antagonismo histórico da nova forma de governo, que debalde se pretende encampar. Não é portanto uma perfeita união com elementos homogêneos – *similes similibus*.

No primeiro porém, há unidade de essência, substância e forma. Para construir a pátria, que passa por nova transformação, é necessário consolidar elementos novos, puros, sãos para a obra que se intenta levantar.

Inutilizar todas as forças, outrora empregadas, fazer abstração completa de antigos planos, arrasar o edifício desde suas bases para surgir o novo de estrutura moderna.

CONFUSÃO POLÍTICA

O primeiro governo e seus cooperadores empregavam para esse fim os seus trabalhos iniciais.

O marechal Deodoro, a quem Muniz Freire, Gil Goularte e Domingos Vicente não prestaram seus votos na eleição presidencial, declarou-se seu desafeto, e até rival. O barão de Lucena, seu *fidus Achates*, quando a maioria do poder legislativo começou a atacar os seus desmandos, dada a dissolução das câmaras, jurou nulificar a bem merecida influência do partido Construtor.

Chamou à Capital Federal o barão de Monjardim e deu-lhe os planos para dirigir a nova ordem de coisas, predispondo-as com a nomeação de governador provisório, conferida ao médico doutor Antonio Aguirre. Este tratou de aplainar o caminho, porque o barão queria eximir-se de odiosidades...

O SISTEMA ELEITORAL...

Procedeu-se a nova eleição para o Congresso Constituinte, e apesar de todos os elementos oficiais, *fraudes, peitas, subornos, extorsões*, a expressão numérica deu o mais esplêndido e duplo triunfo à nossa causa!

Tudo foi abafado pelo poder! A força pública cercou Câmara e Congresso, tal era o receio dos adversários!

Risos, flores, felicitações, hinos disfarçavam um fundo de dúvidas e desconfianças...

O palácio do governador era uma praça d'armas, guardando o paládio dos gregos.

Que hipocrisia fementida!

A VITÓRIA DE MUNIZ FREIRE

Deposto Deodoro, abalados os fundamentos do poder, tremeu todo o edifício!... Subiu à presidência da República Floriano Peixoto.

Os judas fingidamente, pela maior incoerência, aplaudiram seu governo! Que desfaçatez!

Os *abatidos* reanimaram-se e nova ordem de sucessos veio assinalar a prosperidade do estado.

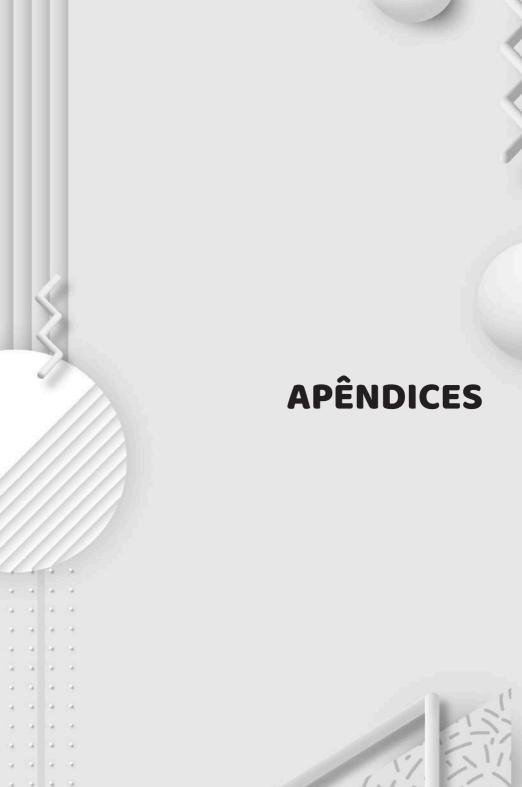
Floriano anulou os atos de seu infeliz predecessor, e os senadores e deputados foram retomar os seus assentos.

O partido Construtor tomou a direção dos negócios públicos, hoje tão bem encaminhados!...

Para cúmulo de nossa glória, para honra do partido, para garantia do nosso futuro e aperfeiçoamento de nossas instituições, temos na administração do estado um moço cheio de vida, forte por uma vontade de bronze, enérgico pela independência e pelo talento, recomendável por sua honestidade, sobranceiro às imposições e exigências mesquinhas, que na organização afanosa de regulamentos para os diversos ramos do público serviço tem desenvolvido ciência e tino admiráveis, reconhecidos por todo o país – o dr. José de Melo Carvalho Muniz Freire.

O estado caminha desassombrado. Aproveitam-se os elementos para nossa futura e próxima grandeza. A emigração aflui; o comércio se desenvolve; as estradas de ferro aproximam as distâncias, e não tarda que o sibilo da locomotiva anuncie a nossa íntima aliança com Minas Gerais, que nos há de estreitar no abraço do progresso e trocar saúdes no banquete da civilização.

FIM



PADRES JESUÍTAS QUE ESTIVERAM NA CAPITANIA: – Afonso Brás, Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, Francisco Pires, José de Paiva, Manuel da Nóbrega, Antonio Pires, Luiz da Grã, Antonio Ambrósio Pires, José de Anchieta, Leonardo Nunes, Brás Lourenço, Vicente Rodrigues, Torres, Fabiano de Lucena, Diogo Jacques, Pedro Gonçalves, Inácio de Azevedo (visitador), Antonio Rocha, Mateus Nunes (ouvidor eclesiástico), João Martins e Domingos Rodrigues.

RELIGIOSOS FRANCISCANOS: – Freis: Pedro Palácios (fundador da Penha), Nicolau Afonso (sucessor de), Geraldo dos Santos (idem), Sebastião do Espírito Santo, Teotônio de Santa Humiliana, Francisco do Monte Alverne, Torquato Malta de Araújo, Joaquim de Santa Mafalda, José do Patrocínio, Vitorino de Santa Felicidade, Gustavo de Santa Cecília Souza, Francisco Trancoso, José de Santa Helena Soares, Manuel de Santa Eugênia Brandão, João Nepomuceno Valadares, João do Amor Divino Costa (provincial).

RELIGIOSOS CARMELITANOS: – Freis Joaquim Frias de Vasconcelos, Vicente de Souza, Joaquim de Santo Elias, Bento da Trindade, Antonio de Nossa Senhora das Neves e João du Pin Calmon Lisboa.

VIGÁRIOS E PADRES DO ESTADO: – Francisco Gonçalves Rios, Francisco Ribeiro (arcipreste), José de Santa Ana (professor particular), João de Almeida (fazendeiro em Carapina), Joaquim, Domingos de Jesus Leal (vigário), Manuel Alves de Souza (idem), Francisco Antunes de Siqueira (cônego), Mieceslao Ferreira Lopes Wanzeller (vigário), João Pinto Carneiro (idem), Joaquim de Santa Maria Madalena Duarte, Dr. Inácio Rodrigues Bermude, Dr. João Clímaco de Alvarenga Rangel, João Luiz da Fraga Loureiro (professor de latim), Inácio Félix de Alvarenga Sales (idem), Marcelino Pinto Ribeiro Duarte (idem), Antonio Pinto Homem de Azevedo, Antonio Martins de Castro, Demétrio Vieira Falcão, João Pinto Pes-

tana, Ovídio Goularte de Souza, Luiz Ferreira Lopes Wanzeller (vigário), José Ferreira Lopes Wanzeller (idem), João Ferreira Lopes Wanzeller, Manuel José Ramos, Francisco Antunes de Siqueira (professor de latim), José Gomes A. Meireles (cônego arcipreste), Luiz Antonio Escobar Araújo (vigário), Manuel Rodrigues B. de Oliveira (capelão capitão), José Duarte Carneiro (vigário), Domingos da Silva Braga (idem), Manuel dos Santos Ribeiro (idem), Miguel Antunes de Brito (idem), Manuel Gomes Montenegro (idem), Manuel Pires Martins (idem), Quintiliano José do Amaral (cônego vigário), Joaquim Gomes (vigário), Manuel dos Santos Pereira, João Cazella (vigário) e Miguel Antunes Pereira de Brito.

MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS: – Freis: Gregório Maria de Bene, Luiz de Mântua, Ubaldo de Casas Novas, Wanderlino de Ricci.

NÚMERO DOIS

DIRETORES DA INSTRUÇÃO PÚBLICA: – Coronel José F. Andrade Almeida Monjardim; cônego Francisco Antunes de Siqueira; Luiz Alves d'Azambuja Susano; coronel Dionísio Álvaro Resendo; major José Marcelino Pereira de Vasconcelos; dr. José Joaquim Fernandes Maciel; dr. Joaquim José Gomes da Silva Neto; dr. José Joaquim Pessanha Póvoa; dr. Eliseu de Sousa Martins; dr. Tito da Silva Machado e dr. Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

DIRETORES DO COLÉGIO PENHA, ATENEU E ESCO-LAS NORMAIS: – dr. padre João Clímaco de Alvarenga Rangel; dr. Deolindo Vieira Machado; dr. José Joaquim Pessanha Póvoa; dr. Tito da Silva Machado; dr. Joaquim Maria Nascentes de Azambuja e dr. Henrique Alves de Cerqueira Lima.

REGENTE DA SEÇÃO FEMININA: – Dona Eulália Júlia da Silva Moreira.

LENTES DO COLÉGIO ESPÍRITO SANTO: – Dr. Sepúlveda de Vasconcelos (matemáticas); padre João Luiz da Fraga Loureiro (latim); dr. José Ortiz (francês); dr. padre João Clímaco de Alvarenga Rangel (filosofia); Luiz Alves de Azambuja Suzano (história e geografia); padre Francisco Antunes de Siqueira (retórica). DEPOIS DA REFORMA: – Dr. Deolindo Vieira (matemática); dr. Ernesto Mendes de Oliveira (história e geografia); padre Antunes de Siqueira (idem); Inácio dos Santos Pinto (latim); dr. Florêncio Francisco Gonçalves (francês) e dr. Manoel Goularte de Souza (inglês).

DO ATENEU PROVINCIAL (Regulamento 1882): – Aristides Brasiliano de Barcelos Freire (português superior); padre Francisco Antunes de Siqueira (latim); dr. Florêncio Francisco Gonçalves (francês); dr. Manoel Rodrigues de Campos e dr. João Teixeira Maia, suc., (matemáticas); dr. Henrique Alves de Cerqueira Lima, cônego José Gomes A. Meireles, suc., e dr. José Joaquim Torres Homem, interino (história e geografia); dr. José Joaquim Pessanha Póvoa, padre Francisco Antunes de Siqueira (interino) e dr. Poggi

de Figueiredo (filosofia); dr. Manoel Goulart de Souza (inglês); dr. Antonio Ataíde e dr. Cerqueira Lima, suc., (pedagogia); Miguel Teixeira da Silva Sarmento (português); farmacêutico Inácio Tomás Pessoa (matemáticas).

ESCOLA NORMAL MASCULINA: – Padre Francisco Antunes de Siqueira (português); dr. Florêncio Francisco Gonçalves (francês); cônego José Gomes A. Meireles (história e geografia); dr. Henrique Augusto Kingston (matemáticas); dr. Graciano dos Santos Neves (física); e pedagogia – vaga.

ESCOLA NORMAL FEMININA: – D. Eulália Júlia da Silva Moreira (regente); a mesma senhora (prendas); padre Francisco Antunes de Siqueira (português); dona Ana Adelaide d'Azevedo Pena (francês); Inácio Tomás Pessoa (matemáticas); dr. Custódio da Silva Moreira (história natural); e dona Joana Hitchings (canto e piano).

DIRETOR GERAL DAS ESCOLAS NORMAIS: – Dr. Henrique Alves de Cerqueira Lima.

NÚMERO TRÊS

PROFESSORES PÚBLICOS PRIMÁRIOS (Na Capital): – Major Inácio dos Santos Pinto, Manuel Ferreira das Neves, Manuel das Neves Xavier, Veríssimo Manuel de Aguiar, Francisco Luiz da Soledade, frei João Nepomuceno Valadares, José Francisco de Lélis Horta (*) (decano), Aristides Brasiliano Barcelos Freire (*) (idem), padre Francisco Antunes de Siqueira, Manuel Gomes Pereira, Miguel Teixeira Sarmento, Nunes Leão, Alexandrino Paiva, Amâncio Pinto Pereira e José Pinto Dias Junior.

(*) Estes dois professores hão preparado aguerridos regimentos para os nobres combates da inteligência. Em todas as hierarquias sociais eles têm discípulos que os honram.

ESCOLAS MISTAS: – Dona Elisa Araripe Paiva, d. Cândida Marques Póvoa, d. Otávia Mululo, d. Adelina Lírio Mululo, d. Luiza Otten Susano, d. Joana Hitchings e d. Vitória Antunes Aguirre (aposentada).

COLEÇÃO AUTORES CAPIXABAS CRÔNICA DE AREOBALDO LÉLIS

Esta folha fez circular em dias da semana finda, uma notícia que devia ter Impressionado agradavelmente e de modo especial, os nossos meios intelectuais João Calazans havia tomado a ombros a louvável tarefa de tornar conhecidos dentro e fora do Estado os nossos homens de letras, os nossos valores culturais de outras épocas, dando-lhes publicidade aos trabalhos, em uma série a que denominou Coleção Autores Capixabas.

Em 1932, quando Clovis Ramalhete cursava o primeiro ano do curso jurídico, escreveu ele um estudo a respeito da evolução literária no norte do país, examinando-a em alguns de seus aspectos, remetendo-o à revista "Boletim de Ariel", de Gastão Cruls e Agripino Grieco. Chamado dias depois à redação, pelo desejo que Agripino nutria de conhecê-lo, fez-lhe o diretor da revista a seguinte pergunta: — "O seu estado possui Intelectuais? Pergunto-lhe, porque nunca ouvi citar-se um nome espírito-santense, poeta ou literato. Se existe, o senhor tem a minha revista à sua disposição, para tornar conhecidos os valores mentais de sua terra". Ora, esta ocorrência, passada há onze anos, rememorada agora, basta para mostrar a importância da realização que João Calazans tomou a peito levar avante. É, sem favor, uma iniciativa de robusto idealismo cívico, obra de sábio patriotismo, que não deve ser estimulada somente por nós, rabiscadores de artigos ligeiros, do gênero para ler no bonde, mas pelas instituições culturais da terra, como a Academia de Letras e o Instituto Histórico, de cujo amparo moral e assistência movimentos de tal espécie não podem prescindir.

Sempre que me refiro a assuntos dessa natureza, não escondo a minha intensa desolação de capixaba, ao considerar que o nosso estado é, talvez, o único onde os livros didáticos adotados em suas escolas, proveem de fora. Entre-se em qualquer delas, públicas

ou particulares, os livros admitidos para a aprendizagem falam dos grandes, médios e pequenos vultos das demais regiões, menos dos homens do Espírito Santo. Se há uma figura do nosso passado, ela entra como não nos pertencendo, à semelhança do que sucede com este Domingos Martins, que querem à viva força seja pernambucano. Isto por quê? Pela simples razão de não possuirmos um passado, flutuando em nossos conhecimentos, em obras sobretudo didáticas, nas quais a formação cultural da nossa mocidade se processa, com plena ciência do que temos, do que os nossos maiores nos legaram, como fruto da nossa própria evolução. Povo sem tradições não é povo, não devendo por isso mesmo existir. Se não cultuamos o nosso passado, se não realizamos neste sentido uma obra de difusão, através das gerações que se sucedem, jamais poderemos acompanhar de perto a marcha progressiva dos nossos irmãos federados, porque nos fazemos pela nossa condenável displicência, pela nossa indiferença ante o patrimônio valioso que nos deixaram, indignos de nós mesmos. Não basta que a geração presente leve a cabo esta revolução mental, que ora realiza, pela construção do nosso edifício literário, produzindo e vulgarizando obras, em condições de nos colocarem em situação de relevo na hora cultural que o Brasil atravessa. Precisamos, sem dúvida, de trazer ao conhecimento da nossa mocidade e dos meios intelectuais do país, o que já possuíamos, o que o passado nos deixou, como testemunho de que os que se foram não se descuidaram do bom nome capixaba, no campo do nosso desenvolvimento espiritual.

Tal o mérito da iniciativa de João Calazans, indo sacudir da poeira dos arquivos, onde eles existam, os trabalhos dos antigos conterrâneos que no campo acidentado das letras pátrias, deixaram de sua passagem um rastro de luz, clareando a nossa trajetória, na escuridão dos dias que se foram.

Feliz foi ainda o realizador da ideia de projetar sobre o presente as luminosidades do passado quando escolheu um dos trabalhos de Antunes de Siqueira para iniciar esse movimento de divulgação literária, que tão justo interesse já vem despertando em todos os nossos meios. Assim dizemos, porque a obra do saudoso padre espírito-santense não deve estar limitada ao livro de tradições, que ora se anuncia. Emérito latinista, profundo conhecedor do vernáculo, pensador dos mais inspirados, orador fluente e imaginoso, o meu velho mestre de português, se as decepções da vida terrena não lhe despejaram n'alma, à hora undécima, o amargor de uma imensa desilusão, devia certamente ter deixado os frutos de sua oratória fecunda, que fez de sua personalidade a do maior tribuno sacro, que há passado pelos púlpitos de nossa terra.

Vamos, pois, com a iniciativa de João Calazans, uns recordar, outros conhecer o que fizeram os nossos maiores, fora do campo estéril da política, dentro da esfera do pensamento criador, pelo renome do Espírito Santo, na obra patriótica da formação do nosso futuro e pelo desenvolvimento cultural das gerações, que lhes sucedessem.

A Gazeta — 30-3-1944